PUBLICAÇÃO RECONHECIDA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA COMO DE INTERESSE CULTURAL E LITERÁRIO

Directora: **Nassalete Miranda**
28 Novembro de 2012
Nº **87** | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

Carolina Schacht
ESPECIAL // PÁG. 13

Vasco Graça Moura
50 anos de criação literária

Uma visão de Vasco Graça Moura como ensaísta e mais concretamente sobre o seu lado camoniano. Mas também o tradutor e o poeta... *POR:* JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA // PÁGS. 10 a 12

CONTO // PÁGS. 20 e 21

Desenho de José Rodrigues para o conto «O Riso de Porcelana», de António J. Oliveira

LITERATURA // PÁG. 4

Um romance de culto

"Há um tempo para semear e um tempo para colher. Há um tempo para trabalhar e há um tempo para descansar. Mas, na vida de cada um, um bom romance não escolhe tempo para nascer, não escolhe tempo para crescer, não escolhe tempo para morrer".

POR: ANTÓNIO LEITE DA COSTA

LUSOFONIA // PÁGS. 18 e 19

O Direito no divã

"Centenas de conferências, artigos, livros, entrevistas e reflexões pavimentaram seu esforço [Jacob Pinheiro Goldberg] nesse sentido e, seu filho, Flavio Goldberg, alinhavou toda essa trajetória ao reunir no livro intitulado «O Direito no divã - Ética da Emoção» (Saraiva) as idéias e as reflexões de um livre pensador antenado com as coisas de seu tempo".

POR: JORGE SANGLARD

PUB

SINGULARPLURAL

SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassalete Miranda
EDITORA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
Email.: artes.entreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecor - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef.: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef.: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef.: 80820655 - Fax.: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís
António Vitorino d'Almeida | **António Joaquim Oliveira**
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | **Helder Pacheco**
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
José Rodrigues | **Levi Guerra**
Lídia Jorge | Luísa Dacosta
Manoel de Oliveira | **Mário Cláudio**
Miguel Veiga | Óscar Lopes
Salvato Trigo | **Urbano Tavares Rodrigues**

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | **António Fournier** | António José Queiroz
Armando Alves | Carlos Cabral Nunes
Carlos Vaz | **Cristino Cortes**
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa
Francisco d'Eulália
João Medina | Jorge Sanglard
J. Esteves Rei | **Lauro António**
Manuel Sobrinho Simões | Maria Antónia Jardim
Paulo Ferreira da Cunha | **Ramiro Teixeira**
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo

PARCERIAS

APOIOS

Nassalete Miranda
directora

Entre Sentidos

Na recente tertúlia a propósito do livro "Quem foi, Quem é Jesus Cristo?", coordenado pelo Professor Anselmo Borges, e que encheu por completo o grande auditório da Fundação Engº António de Almeida, nesta cidade do Porto em crescente movimento cultural, encontrei um "velho" companheiro de Faculdade que me confidenciou estar a ficar "ácido" e que para combater "a maleita da indignação que me leva a vociferar impropérios contra os malfeitores do meu País", começou uma demanda à procura de novos bravos"!

Confesso que ao ouvi-lo fiquei uns momentos sem fôlego! Mas ao olhar em redor e ver sala cheia com rostos que ainda não encontráramos "nestas andanças", comentei que estavam ali novos bravos: "Repara, gente nova, que saiu de casa com este frio para ser cúmplice deste tempo e deste espaço de palavras feitas de saber e de conhecimento. São uma espécie de novos bravos".

Não, não o convenci... ainda... porque os bravos a que o meu amigo se refere, são para os lugares que decidem o futuro dos homens.

"Temos falta de bravos nesta República; daqueles que aprendemos a admirar, a respeitar, a citar, até a invejar. (E digo de e não dos, porque nesta preposição reside toda a diferença...)".

Aí, não posso discordar.

Precisamos urgentemente de novos bravos no carácter e na palavra, na caridade e na solidariedade. Precisamos de gente que faz o que diz, cansados que estamos dos que nos remetem diariamente para S. Tomás.

O ácido corrói. É deformador, perigoso, mortal. Não gostaria que o ácido ocupasse o lugar da indignação, da zanga, do desespero e do cansaço. Não é bom sinal e será ajuizado os decisores, administradores e outros senhores do poder, e dos poderes, não se distraírem e descodificarem os sinais. Como o mais provável é não conseguirem, sejam "bravos" e tenham a humildade sábia de pedirem ajuda ao meu amigo. Ele explicará.

A todos, bravos de todos os combates, boas leituras em artes feitas.

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

Take away social

O Coração da Cidade, instituição de solidariedade do Porto, abriu um novo projecto de âmbito social: um serviço de take away, de segunda a sábado, destinado a proporcionar refeições a baixo preço (para já, apenas jantares). O programa foi criado, essencialmente, para ajudar as famílias em situações precárias ou de desemprego, que pagarão no máximo 1€ por refeição (sopa, prato e pão). Por exemplo, uma família de seis pessoas pagará 4€. Mas o programa tem também a vertente a que chamaram «Amigos à mesa», que pagando uma jóia de 10€ pode levantar a sua refeição por 1,5€, no máximo. As refeições deverão ser levantadas na sede da associação (Rua Antero de Quental, 806, Porto) das 18 às 20 horas e, preferencialmente, encomendadas (através da compra da senha) de véspera.

Mas O Coração da Cidade precisa da solidariedade de todos para a prestar a alguns...

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

Guilherme d'Oliveira Martins
presidente do CNC

É MANHÃ EM DIAMANTINA,

há uma leve e fresca brisa, o céu está nublado, e paramos diante da casa que foi de Chica da Silva. Estamos no velho Arraial do Tijuco, perante um solar tipicamente português, semelhante aos que encontramos em Goa, com beirado, um primeiro andar austero e treliças nas janelas altas. A tradição da casa portuguesa aqui está. A cidade bem poderia ser do Minho ou das Beiras. A mansão senhorial (com eira e beira) está num ponto alto da cidade. Por aqui entramos na urbe, concebida pelos engenheiros militares portugueses, com uma estrutura tradicional, condicionada pela divisão da propriedade, sem um plano preconcebido, ao contrário da colonização espanhola, com grandes quadras, rua direita e largo do mercado ou da quitanda. O solar, adquirido pelo desembargador João Fernandes de Oliveira (1720-1779), contratador de diamantes, bacharel em leis pela Universidade de Coimbra, foi a morada onde este viveu, com Francisca da Silva Oliveira, antiga escrava, mulata alforriada, de quem teve treze filhos, todos reconhecidos, o que na altura era incomum. A célebre Chica da Silva. E a verdade é que, apesar de concubina e de ter vivido quase sozinha a partir de cerca 1770, ganhou grande influência social, participando nas quatro irmandades da cidade: quer nas de brancos, como do Carmo e de S. Francisco, quer nas de mulatos e negros, as das Mercês e do Rosário. Sentimos a aura desta mulher notabilizada pelas mais variadas lendas, ao caminharmos até à igreja de Nossa Senhora do Carmo. Lembre-se que as ordens e os seus conventos estavam interditos nas regiões de mineração, cabendo a iniciativa de culto às irmandades, neste caso à da Ordem Terceira do Carmo. O templo acabou por ser financiado apenas por João Fernandes, que se desentendera com os outros membros da Irmandade, ao escolher o local para a construção, na proximidade da sua Casa do Contrato. A igreja barroca (1765) de nave retangular, com óculo rococó na fachada, tem uma característica singular, pois possui uma torre, não colocada na fachada, mas atrás da nave. Há diversas explicações para o facto: ou a situação permitiria que Chica da Silva frequentasse os ofícios, porque uma regra proibiria os negros de irem "além das torres", ou porque assim o toque dos sinos incomodaria menos a casa da benemérita. Não importa entrar em grandes considerações. A verdade é que a vida do desembargador João Fernandes, regressado a Lisboa, foi perturbada pelo fim abrupto do contrato de exploração de diamantes, apesar dos apoios dados pelo pai e homónimo ao financiamento da reconstrução de Lisboa depois do grande terramoto. Isto, por decisão do Conde de Oeiras, Sebastião José, em paralelo com complexos arranjos testamentários, em torno de notáveis casas da cidade de Lisboa, entre as quais a célebre «Casa da Lapa», na Rua do Sacramento, no sítio de Buenos Aires, que hoje alberga a Fundação Luso-Americana e assim está remotamente ligada a Diamantina e também a Chica da Silva.

Mas continuamos a peregrinação de Diamantina. Rua da Quitanda, Casa do Muxarabié, o comércio crepita nas margens do Jequitinhonha com intensidade: panos bugigangas, tapetes de arraiolos, botecos. É uma cidade do século XVIII plantada nos dias de hoje. Muxarabié é o balcão com treliças de influência moura que esconde a biblioteca do Dr. António Torres – cuja bengala foi celebrizada na prosa de Nemésio. Mais adiante, está a Catedral Metropolitana de Santo António, construção do século passado que substituiu a antiga Sé, agora com dois preciosos altares de talha dourada da velha igreja, invocativos de Nossa Senhora e de Santo António. A igreja barroca de S. Francisco de Assis, no início da ladeira do mesmo nome, foi concluída em 1772, e tem pinturas de Silvestre de Almeida Lopes. Aí está sepultada, com honras excecionais, Chica da Silva. Em frente, no largo fronteiro, encontra-se a estátua de Juscelino K., que pontua como referência do herói cívico e político da cidade que o viu nascer. No pequeno museu do diamante, na casa que foi do Padre Rolim, um dos inconfidentes mineiros, lembramos o início clandestino desta exploração, iniciada em 1713, mas só oficializada junto do Rei de Portugal nos anos trinta. Primeiro funcionou a regra do quinto, que também se aplicava ao ouro, mas depressa se percebeu que o regime deveria ser outro e a Carta Régia de 9 de Fevereiro de 1730 deu plenos poderes a D. Lourenço de Almeida para regular e providenciar sobre a exploração de diamantes. Calcula-se que entre 1730 e 1860 tenham sido produzidos, em Minas Gerais, 610 quilos de diamantes, sendo o Brasil nesse tempo o primeiro produtor mundial.

Vemos alguns dos exemplos das preciosidades aparecidas, seguimos para o mercado, estrutura de madeira semelhante aos nossos mais antigos de Entre Douro e Minho, como o de Ponte de Lima. O desenho dos arcos denuncia influência árabe, e foi aqui que Niemeyer se inspirou para o projeto da fachada do palácio da Alvorada. Com o estômago carecido de urgente restauração, recompomo-nos magnificamente com uma refeição mineira no «Apocalipse», num primeiro andar, debruçado sobre o largo do mercado e o início do chamado caminho dos escravos. E vêm as sobremesas, que superam tudo o que seria esperável, como se fora Menino Jesus em metáfora doce. Depois, retomamos a caminhada por entre as ruas acolhedoras que nos são muito familiares. Muitos dos colegas de viagem dizem desejar que o tempo pare para poderem gozar deste ambiente tão português, com uma pureza fantástica, bem evidente, por exemplo, na rua do Burgalhau. E vamos à igreja da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (1728), a mais antiga da cidade, com um frontão em madeira e arquitetura da Contra-Reforma, com imagens dos santos da devoção da irmandade: Santo António de Cartagerona, S. Benedito, Santa Ifigénia e Santo Elesbão. Deambulamos pelos altos e baixos da cidade, tomamos contacto com o barroco e o rococó, dentro do recato próprio de uma cidade excêntrica que conseguiu manter a descoberta dos diamantes escondida durante mais de duas décadas. Vamos ainda à casa do Presidente Juscelino Kubitschek e depois até ao Passadiço da Glória, verdadeiro ex-libris da cidade, a lembrar os tempos em que o velho orfanato era incomodado pelo barulho suspeito do Bataclan. O passadiço azul é de 1878, quando os dois prédios passaram a ser do orfanato dirigido pelas irmãs de S. Vicente de Paulo. Fora casa de dona Josefa Maria da Glória, depois residência dos intendentes do distrito e lá ficaram hospedados grandes exploradores como Auguste de Saint-Hilaire, Langsdorff, von Martius e Richard Burton. Hoje, alberga o centro de geologia dedicado ao nosso bem conhecido Barão Wilhelm von Eschewege (1777-1855), que visitou o Arraial de Tijuco em 1811 e é considerado o patriarca da geologia brasileira, tendo sido intendente das Minas de ouro (1811). Amigo de Goethe, foi encarregado por D. Fernando II, se grande admirador, para reconstruir o Palácio da Pena e o seu parque. À noite, tivemos uma tocante seresta, que é uma serenata mineira, com uma ternura muito especial e ecos, ora do fado, ora das mornas cabo-verdianas. E tudo acabou, com intensa emoção, a recordar J.K. e a sua querida canção emblemática. «Como pode um peixe vivo / viver fora de água fria».

Pela manhã, muito cedo, às seis, à hora prima de tempos imemoriais, voltámos à estrada em direção a Inhotim, passando à ilharga de Belo Horizonte. E que é esse parque imenso de futuro, iniciativa de Bernardo Paz senão um encontro único com a arte de hoje, com a botânica e o meio ambiente, a cidadania e a inclusão, o desenvolvimento sustentável e a educação? Janet Cardiff joga com o som, Adriana Varejão com os azulejos, Edgar de Souza com os corpos e Cildo Meireles com os espaços. Inhotim é a certeza de que é o futuro o que o passado anima

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

António Leite da Costa
ensaísta

DR

Novembro, um romance de culto

Há um tempo para semear e um tempo para colher. Há um tempo para trabalhar e há um tempo para descansar. Mas, na vida de cada um, um bom romance não escolhe tempo para nascer, não escolhe tempo para crescer, não escolhe tempo para morrer. Parece às vezes que é em tempo de paz que melhor floresce e cresce o amor. Mas não é. É em tempo de guerra, em que o tempo é sujeito a contratempos, que o amor existe, que o amor resiste, que o amor persiste.

Ganha, por isso, nova vida e novo alento, o romance que percorre períodos conturbados, de paixões intensas, de gestos heróicos, de destemperados sacrifícios e arrebatamentos juvenis, misto de sonho e devaneio, num país à beira da ruína e da loucura, prefácio vivo de uma guerra civil que não chegou a vir, mas que deu ainda para deitar pela borda fora séculos de um passado que o ancorava no tempo e no espaço e em poucos meses se perdeu. Romance num país à deriva, sem rota, nem rumo, nem gajeiro que lhe grite por novo ancoradouro.

É nestes *anos do fim* que se situa o romance **Novembro**, de Jaime Nogueira Pinto, cuja acção decorre entre 1973 e 1975. Período de uma agitação febril, para uns de sonhos de um amanhã que canta, para outros – as personagens do romance – de um romantismo político feito de riscos assumidos, de inesperadas prisões, de exílios forçados, de guerras sem quartel, sempre com os olhos postos no futuro, de fronte levantada e de cara ao Sol. São estas personagens, desde o Dr. Henrique ao Eduardo, passando pelo Alexandre, ou as figuras femininas de Marta, Diana e Isabel Maria, a Inha, sem esquecer a avó Olga, do solar de Xabregas, que o Autor nos dá a conhecer num romance bem estruturado, de contornos bem definidos, de diálogos vivos, de acção sedutora e constante, de paixões amadurecidas ou juvenis que a actividade política sedimenta e reforça. Servido sempre por uma prosa escorreita e límpida, em que a linguagem nua e crua da guerra é ultrapassada pela ternura discreta com que são descritos os afectos.

DR

Mas de todas as personagens do romance há uma que, embora não fisicamente presente percorre todas as suas páginas e lhe dá, de certo modo, uma unidade profunda e religiosa. É a Isabelinha, esposa e mãe falecida, a "Ausente", sempre presente, como José António na Guerra Civil Espanhola, ele que também marca, embora de outro modo, este romance. Isabelinha dá a **Novembro** um cariz de romance católico, plenamente assumido, deixando em várias personagens e, decerto, no leitor atento marcas que atraem e redimem, no meio da porca miséria de esses tempos difíceis que o romance retracta.

Romance de acção que decorre em várias cidades e continentes, num ritmo marcado pela incerteza do futuro, pelas permanentes mudanças que ocorrem em Lisboa, pelo tempo que febrilmente se escoa por entre os dedos, criando muitas vezes um vazio que prenuncia uma difícil vitória quando não uma derrota anunciada. Mesmo assim, há sempre no romance uma réstia de esperança, uma fé constante e um amor que não esmorece.

Romance que caracteriza uma época, é ainda o retrato de uma geração. Geração de poetas e de soldados, de escritores e de homens de acção que acreditavam num conceito de nação pelo mundo repartida e por várias etnias abraçada. Geração para quem a sua honra era a sua fidelidade ao legado histórico que recebera de seus pais e seus avós. Geração que amava o seu país desde a terra onde nascera até às longínquas fronteiras que iam para além do mar que a vista não descobre e o braço não alcança, pois como disse G. K. Chesterton "as fronteiras são as mais belas coisas do mundo. Amar uma coisa é amar os seus limites".

É por tudo isto que **Novembro** é mais do que um belo romance geracional. É, sobretudo, um romance de culto.

NOTA

A obra foi lançada ontem (27) no Porto, na Livraria Lello, por José Carlos Seabra Pereira, depois de ter tido a primeira apresentação em Lisboa por Vasco Graça Moura, a 8 de Novembro.

Sirlene Cristófano
doutoranda da UP; membro do CITCEM

A Literatura Infantil e o Discurso Neutro
O caso atual de Monteiro Lobato

A obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato (1882-1948), autor da série sobre o sítio d' *O Pica-Pau Amarelo* (1939), tem ultimamente alimentado algumas polémicas na vida cultural brasileira. No ano de 2011, o Conselho Federal de Educação expediu um parecer classificando uma obra de Lobato, *As Caçadas de Pedrinho*, dizendo-o racista: a personagem negra Tia Nastácia seria tratada de maneira ofensiva, quando Lobato a fazia dizer, por exemplo: "É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém – nem tia Nastácia, que tem carne preta". Embora o Ministério da Educação tenha vetado o parecer, alguns estados, como Mato Grosso e Paraíba, chegaram a tirar o livro do currículo escolar. No passado dia 11 de Setembro de 2012, a audiência de conciliação realizada pelo Supremo Tribunal Federal terminou sem um acordo formal sobre a adoção das obras de Monteiro Lobato pela rede pública de ensino. Tal polémica está sob análise do STF, porque o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental registou um mandado de segurança, argumentando que a narrativa *Caçada de Pedrinho* (1933), contém "elementos racistas". Na opinião do professor Paulo Vinícius Baptista, do Núcleo Afrobrasileiro da Universidade Federal do Paraná, "a obra tem conteúdo racista, mas não é possível afirmar com segurança o tipo de dano causado às crianças no momento da leitura". Para o escritor Ilan Brenman, autor da obra *A Condenação de Emília: o Politicamente Correto na Literatura Infantil*, não é possível a criança virar racista lendo *Caçada de Pedrinho*, mas somente porque "elas estão mais interessadas nas trapalhadas que na cor de pele dos personagens". Com efeito, o critério aplicado a outras obras por analogia levaria a uma bondosa censura facilmente aplicável a grande parte da literatura, e não somente a infanto-juvenil. Ivan Junqueira, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), ao afirmar que "não se deve tomar nenhuma providência com relação a eventuais traços racistas de obras de literatura brasileira, senão não ficaríamos somente em Monteiro Lobato" parece concordar fundamentalmente com Arnaldo Niskier, também membro da Academia Brasileira de Letras, que, em entrevista ao Jornal *Bom Dia Brasil*, precisa: "Eu acho que fizeram uma interpretação equivocada. O livro foi escrito em uma época em que essas coisas eram perfeitamente contextualizadas". Deve recordar-se também agora que, no que diz respeito ao apreço da arte literária de Monteiro Lobato, a aprovação e o acolhimento de suas obras só foi posta em causa quando Lobato aumentou o seu pendor crítico. Em Taubaté, em 1934, acontecera já uma campanha contra Lobato, motivada pelas instituições educacionais religiosas. Elas alegavam haver algumas "verdades" reveladas em História do Mundo *para Crianças* (1933) e *Geografia de D. Benta* (1935). Tal manifestação chegou até Portugal, onde Salazar proibiu a divulgação e circulação das obras de Lobato, já condenadas em terras brasileiras, devido as "deturpações" ou interpretações desprovidas dos acontecimentos históricos. Ao enfrentar o espírito ditatorial da época de Getúlio Vargas, nos anos 40 do século passado, Monteiro Lobato foi classificado como "comunista", rótulo que abrangia todos os que, à imagem das suas personagens irreverentes, eram ditos "revolucionários" por pugnarem pela liberdade de expressão e de ação. E disso ele tentou ainda defender-se: "[...] Convenci-me de tal forma da verdade das teorias económicas de Henry George, que por mais que me esforce não consigo substituí-las por Karl Marx. [...] E por causa disto não tive a honra de alistar-me no Partido Comunista Brasileiro, nem pude aceitar o convite de Prestes para figurar a chapa dos candidatos à deputação federal". As denúncias e repreensões da sua obra continuariam a acontecer mesmo depois de sua morte. Ainda nos anos 40 – mesmo reconhecendo os valores da literatura lobatiana – o boletim da Liga Universitária Católica Feminina revela: "Há em toda ela situações, episódios, conselhos, conclusões morais que expressam grande pessimismo no valor os homens, na sua capacidade de aperfeiçoar-se, numa ironia nada construtiva, mas que quase sempre ao alcance da inteligência infantil e, por isso, mesmo, perigosa". Em 1957, o Pe. Sales Brasil publicaria *A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou o comunismo para as crianças*, uma obra reveladora do quanto as ideias (pre)fabricadas levaram há muito a uma distorção da realidade focalizada. Tudo somado, talvez não devamos ser tão ingénuos sobre a neutralidade da linguagem, para crianças ou para adultos. Toda a obra literária deve ser (re)vista sob duas vertentes: os constrangimentos do período histórico, social e político em que foi escrita (leia-se Koerner) e a natureza indelevelmente ideológico de todo o discurso (cf. Bakhtin). No Brasil dos anos 30 do século passado, ainda profundamente marcado pela estrutura esclavagista, que alimentará ainda inclusive a revolta republicana, o autor claramente se inscreve numa retórica de desconstrução do preconceito racial e político, levando o leitor a ser um espírito crítico antes de fazer dele um cidadão consciente. Essa é a visão criada por Lobato, cuja função literária é levar não somente homens brancos, assim como também homens negros à reflexão. Tia Nástácia, essa, demonstraria estar bem consciente da sua cor e dos limites do preconceito comum: "Tenha paciência – dizia a boa criatura. – Agora chegou minha vez. Negro também é gente, Sinhá...". As reticências usadas para não terminar a frase da personagem, servem para levar a criança leitora à reflexão, estabelecendo assim, um diálogo de responsabilidade entre o texto e o leitor. Monteiro Lobato, certa ocasião, ao responder a críticas sobre as suas obras disse: "Esse livro [...] vem sendo criticado justamente pelo que, ao meu ver, constituiu o seu único mérito: dizer às crianças que serão os homens de amanhã, a verdade inteira. Habituamo-nos de tal modo ao regime de mentiras convencional que a verdade nos dói". A esta altura parece-nos importante avaliar até que ponto a "filosofia de vida" transmitida por Monteiro Lobato é construtiva ou destrutiva para as crianças. Para tal, teríamos que fazer um estudo mais profundo para definir os seus variados efeitos. Ou então recomendar a leitura de um romance de Lobato *O Presidente Negro*, que na época teve muito pouco êxito.

Domingos Lobo
escritor; programador cultural

Memória dos Livros Esquecidos[1]

«Ciclo de Pedras», de Luís Veiga Leitão

"Diz-lhes que se resiste na cidade/desfigurada por feridas de granada/e, enquanto a água
e os víveres escasseiam/aumenta a raiva/e
a esperança reproduz-se"
Egito Gonçalves – "Notícias do Bloqueio"

«au bout du chagrin une fenêtre ouverte/une fenêtre éclairé» - Paul Éluard

DR

Exposição de fotografias de Luís Veiga Leitão, no átrio dos Paços do Concelho de Moimenta da Beira

Luís Veiga Leitão, autor de Latitude nasceu em Moimenta da Beira a 27 de Maio de 1912 (razão pela qual se comemora no ano em curso o centenário do seu nascimento), vindo a falecer em Niterói, no Brasil, a 9 de Outubro de 1987.
Luís Maria Leitão (nome próprio, suprimindo o autor de *Noite de Pedra o Maria,* a que acrescentaria Veiga, construindo, dessa forma, um compromisso entre o nome próprio e o pseudónimo com que assinaria toda a sua obra literária) é uma das vozes poéticas mais originais e influentes da nossa literatura na segunda metade do século XX.
Pode ser-se poeta, um sonhador de liberdades, fechado nas masmorras do *Estado Novo* e impedido, por determinação dos seus carcereiros, de ter acesso ao lápis, à caneta, ao papel, aos instrumentos que lhe permitissem fixar os textos? É possível construir, com a volátil argamassa das palavras armazenadas na memória, um país outro, livre, fraterno, tolerante e democrático? Foi-lhe possível a ele, Luís Veiga Leitão, preso por delito de opinião, sair, mesmo que por instantes breves e supremos, dessa *Noite de pedra/Cerração de muros/arames farpados/grades de ferro/cruzes de ferro/nas campas rasas/de uma luz morta* e ultrapassar, com as palavras vertidas na memória, os medos e os muros, essa *Noite de pedra noite forjada/- para que o silêncio esmague/o coração dos homens*[1] e dessa noite, dessas noites, libertar-se para se juntar às vozes de outros homens e resistir à realidade opressiva dos dias ignaros? Foi possível, não apenas ao poeta Luís Veiga Leitão, mas a outros seus companheiros de luta, de combate e de versos, viver e denunciar a realidade político-social desses dias, mesmo no silêncio isolado das celas, mesmo com o coração esmagado de silêncio, mesmo se as ferramentas de tecer as palavras lhes eram, pelos verdugos, negadas: *Caneta, lápis, papel/e lâmina de ponta de lua/um autómato do bolso me tirava.../Depois a minha mão ficou nua/da vestimenta que usava./ Mas deram-me uma tinta preta/(nuvem negra de um fogo posto)/e meteram-me no tinteiro.../Na tinta, afogo as mãos, o rosto,/o meu corpo inteiro:/A força, o canto, a voz que encerra,/ninguém, ninguém pode afogar/- como as raízes da terra/ e o fundo do mar.*[2] E o poeta resistiu ao silêncio e foi preenchendo o vazio com o fogo das palavras, inventando no frio das pedras esse húmus, esse chão de lava infrene que há para além dos muros, que existe algures e pelo qual vale a pena cerrar os lábios e, corajosamente, erguer a fronte, mesmo na escuridão da cela, esse *Ventre vazio de um porão/na solidão de charco*[3] e negar a violência, responder às sevícias com a força das palavras e da razão, impedir que a injustiça e a desumanidade de uns quantos contagie o humano que freme no corpo macerado e, apesar disso, inventar a esperança possível para além das grades: *Não. Digo à explosão de ameaça/e à rapada paisagem do desterro./E não. Digo à minha carcaça/encalhada em bancos de ferro/e ao cordame dos nervos, fustigado,/a ranger no silêncio a sós:/Por cada nervo quebrado/que se inventem mais nós.*[4]
A poesia é um acto de criação solitário, de silêncios, de debate íntimo e de íntimas interrogações, no sentido brechtiano, numa tentativa de reconduzir o pensamento criativo e crítico ao que Marx entendia ser o *homem total*. A poesia neo-realista faz-se de reflexões sobre o real e da sua transposição, através do poema, para o outro, para o debate livre e liberto como o entendia Rimbaud, que, dialecticamente, se estabelece com os leitores. Ora, o silêncio de mordaça que a poesia de Luís Veiga Leitão veicula é um silêncio constrangido, imposto pelas circunstâncias político-sociais em que a mesma se constrói – e denúncia com um dos discursos metafóricos mais pungentes e elaborados da nossa poesia *da resistência*. O poeta sofreu, e dessa experiência se fez eco, a clausura, as sevícias e o ultraje – a condenação suprema pelo crime de pensar diferente. A solidão e o silêncio do acto criativo não foram, nos textos que constituem o corpo de *Noite de Pedra*, livre arbítrio do autor, mas uma circunstância imposta pela força e exterior à vontade do poeta. E a voz, assim violentada, emerge do silêncio, com a cumplicidade activa da memória, e faz-se grito, denúncia e arma na ânsia de inventar, através dos muros e do escuro da cela, o que não vê, utilizando uma ironia que é a um tempo rebelde e dramática – o dia que há lá fora: *- Bom dia. Diz-me um guarda./Eu não ouço... apenas olho/das chaves o grande molho/parindo um riso na farda./ (...) Vómito insuportável de ironia/Bom dia, porquê bom dia? (...) Olhe, senhor guarda/(no fundo a minha boca rugia) aqui é noite, ninguém mora,/deite esse grito lá fora/ porque lá fora é que é dia!*[5]
Se a poesia de Luís Veiga Leitão se expressa pela denúncia do sistema e da sua violência, mesmo quando a utilização da metáfora tenta contornar a clareza do discurso, não deixa de conter os elementos sincrónicos que desmontam a retórica oficial "dos brandos costumes", implicando no corpo fabular e expressivo do poema os pressupostos ideológicos, expondo-os e integrando-os nas linhas gerais e conflituais do seu tempo, e da circunstância de se achar preso político nas masmorras do salazarismo: *Lá, na última das celas/nódoa negra de açoites,/não há dias, não há noites/porque as noites têm estrelas (...) Lá, só há sombra que dói./Sombra e brancura de um osso/que o preso remói, remói/no fundo do seu poço. (...)Lá, quando o vierem buscar/amanhã, depois ou logo,/terá na alma mais um fogo,/mais uma chama no olhar.*[6] O silêncio, a solidão do cárcere não impedem o poeta de sonhar para lá dos muros e das estrelas dessa noi-

te imensa recolher a luz, a chama que há-de incendiar o caminho dos homens livres.

Raramente a poesia portuguesa da resistência atingiu um grau de maturidade expressiva, um lugar tão alto de amargura lúcida, de demolidora sagacidade nos termos em que nos revela a dimensão dos crimes da ditadura, como a que Luís Veiga Leitão consegue nesse livro modelar – modelar na forma como descreve o nojo, como nos diz do horror desses anos de vida represada e o faz com extremo rigor semântico, o verbo despojado, a ausência da retórica da vitimização e um comedimento emocional, um quase pudor dos excessos, que aproxima esta fala da estética de um Carlos de Oliveira. A suave ironia, que rasa o corpo textual de alguns poemas libertando-os, numa como que distanciação brechtiana, da sua carga dramática (processo já descoberto no livro *Latitude*), fazem desta arte poética um dos momentos superlativos do neo-realismo e da nossa modernidade literária, quer no plano da linguagem, quer na expressão épica que os poemas de Noite de Pedras implicitamente contêm, expondo a revolta e a angústia individuais e transportando-os para o vasto território do eu social e da consciência colectiva. O poema Interrogatório é dessa contenção expositiva, desse processo oficinal, mesmo na disposição estrófica utilizada, e da postura cívica que o autor, através do poema, expressa, paradigmático exemplo:

- Fala! A Dor lhe grita (impuro
seu grito branco que de rastos medra)
- Nunca. Quero quebrar de corpo duro
como as estátuas de pedra.[7]

Temos, deste modo, uma poesia que, revelando a singularidade de uma experiência individual (o cárcere, a tortura, o isolamento, a solidão e o silêncio) transporta para o poema – logo, para a consciência colectiva – um ético sentido da existência e do combate: não era apenas o poeta que sofria as amarguras do cárcere era, mesmo que as não vivesse na realidade da Cela 13, todo um povo.

Mesmo no trágico do cárcere, o poeta resiste e sabe que resistindo se liberta e nos liberta, mesmo que essa liberdade, as viagens para lá dos muros, seja virtual, apenas visionada no simbolismo de uma bicicleta desenhada na cela: *Nesta parede que me veste/da cabeça aos pés, inteira,/bem hajas companheira,/as viagens que me deste. (...) Aqui,/onde o dia é mal nascido,/jamais me cansou/o rumo que deixou/o lápis proibido... (...) Bem haja a mão que te criou! (...) Olhos montados no teu selim/pedalei, atravessei/e viajei/para além de mim.*[8]

O percurso poético de Luís Veiga Leitão, que se estreia em 1950 com o livro *Latitude*, inscreve-se, no seu mais conciso corpo fabular, nas determinantes estético-ideológicas do neo-realismo, mas começa a denunciar, logo em 1953, ano da publicação de *Noite de Pedra*, mas, sobretudo a partir de 1957 nos poemas publicados em *Notícias do Bloqueio* (1957/1962), a influência que o surrealismo imprimiria ao corpo discursivo e ao imaginário simbólico dos seus textos, bem como aos poemas do grupo de autores que se organizam e publicam nas páginas dessa importante revista: Egito Gonçalves, Luís Veiga Leitão, Daniel Filipe, Papiniano Carlos e António Rebordão Navarro. A introdução do onírico na construção imagética, a mais ampla e ágil aplicação da linguagem, permitiu a esta geração, que se revela já no pós-guerra (1950/60), construir um discurso mais afirmativo e crítico, caracterizado por componentes metafóricas que abria os horizontes conceptuais e tornava mais exigentes os significantes da denúncia. A este grupo de autores poderemos juntar, pela caracterização emotiva, lírica e inquiridora que a sua poética introduz na observação e configuração do real, o poeta Armindo Rodrigues, mormente pela influência que a sua acção doutrinária e editorial, com a criação da revista *Cancioneiro Geral*, veio imprimir à literatura portuguesa, à sua conceptualização e modernidade, na segunda metade do século XX – e, naturalmente, José Gomes Ferreira, a cuja poética não são alheios os traços surrealizantes que implica a sua vitalidade discursiva.

O que de inovador ressalta em poetas como Luís Veiga Leitão, Egito Gonçalves e Daniel Filipe, é a capacidade de configurar um discurso metafórico e interventor de amplas ressonâncias, que imprimia ao tecido verbal do poema uma unidade imaginativa que valorizava a linguagem e os modos transitivos de reflectir e, sobretudo, de afrontar a realidade, criando os sinais representativos da subversão face à envolvente opressiva, não hesitando no confronto, na agitação quase provocatória que os seus textos, nomeadamente nas páginas da revista *Notícias do Bloqueio* (Egito Gonçalves e Luís Veiga Leitão, sobretudo) e no longo poema *A Invenção do Amor*, de Daniel Filipe, implicitamente continham, embora sobrelevando a objectividade dramática que os estruturava, aproximando estes textos, até pelo processo coloquial da sua textura, da ficção (componente que vamos encontrar, igualmente, na poesia de Fernando Namora).

Aproveitando a *superfície verbal*, que a imagética surrealista permitiu introduzir no discurso neo-realista, e movê-la no sentido de tornar mais abrangente a persuasão da crítica social, considerando nesse plano da intervenção literária à *linguagem não só o papel que ela desempenhava como suporte de reflexão mas também a função constituidora que teria relativamente aos seres e aos valores*[9], implicando esses recursos nos suportes teóricos e na particularidade da luta política e social então vivida entre nós, e da qual, como sabemos, os autores aqui referidos não se alhearam.

Para além da sua obra poética e de crónicas de viagens *(Latitude, 1950; Noite de Pedra, 1955; Livro de Andar e Ver, 1978; Linhas do Trópico, 1977; Livro da Paixão, 1986 e Rosto por Dentro, 1992) e das antologias Ciclo de Pedras, 1964 (que reúne os seus livros Latitude, Noite de Pedra e Dispersos), Longo Caminho Breve, 1983 e Biografia Pétrea, 1989*, Luís Veiga Leitão foi ainda um reconhecido artista plástico.

Luís Veiga Leitão, emerge nestes dias, nestes obscenos tempos que vivemos, nesta Europa da usura e da desvergonha, face à barbárie que se insinua mostrando as garras bestiais por debaixo do verniz das circunstâncias, como uma voz necessária e a recuperar, uma voz que diz o desencanto e a força, a revolta e a alegria de estar vivo, que diz o sonho e escreve sol mesmo quando o sol está ausente e só existe como uma ficção que a memória reconstrói. A voz de Luís Veiga Leitão traz ainda, como a de Daniel Filipe de *A Invenção do Amor*, de Egito Gonçalves de *Notícias do Bloqueio*, os contornos perenes do edifício que nos mantém vivos porque *um grito de esperança inconsequente vem/do fundo da noite envolver a cidade*, e esse ofício de construir utopias prosseguirá enquanto o Homem acreditar que é possível replantar *a voz nas pedras:*

RIO HOMEM

Aqui o rio é Homem
homem da raça de Orfeu:
Seu ofício noite e dia
é replantar a voz nas pedras
no osso nas raízes que o cercam
para que a beleza e a rebeldia
não se percam[10]

NOTA

1 *Noite de Pedra, poema de Luís Veiga Leitão, in Ciclo de Pedras, p.37, Lisboa 1964, Portugália Editora*
2 *idem, poema Incomunicabilidade, p.38/39*
3 *idem, poema Cela 13, p.40*
4 *idem, poema Resistência, p.41*
5 *idem, poema Manhã, p.47*
6 *idem, poema Segredo, p.43*
7 *idem, poema Interrogatório, p.42*
8 *idem, poema Uma Bicicleta Desenhada na Cela, p.64*
9 *Fernando Guimarães, A Poesia Portuguesa Contemporânea e o fim da Modernidade, p.31, Ed. Caminho, Lisboa 1989.*
10 *Luís Veiga Leitão, Ciclo de Pedras, p.99, Portugália Editora, Lisboa 1964*

Ramiro Teixeira
crítico literário

Panteão de eleitos pessoais

Se um povo, uma nação, porventura uma família, enfim, a humanidade em geral, sente a necessidade de dar forma a um panteão para referenciar não só aqueles que mais engrandeceram o mito das suas existências colectivas, como igualmente aqueles outros que se distinguiram na partilha comum das ideias e das profissões, é de todo legítimo caber a cada um, enquanto simples humano e cidadão propenso à troca de afectos, erigir o seu panteão privado.

Este livro do Dr. José Manuel Pavão o entendo, justamente, como um panteão dos seus eleitos pessoais, através não só da evocação dos seus feitos, biografia e imagem fotográfica, como igualmente de testemunho de sincera amizade e admiração.

Trata-se de um testemunho deveras singular, não só pela organização geral da obra como pela repartição evocativa destas figuras, entre o júbilo e a saudade, curiosa e amorosa eflorescência de partilha de ser.

Júbilo, antes de mais, por ao autor ter cabido o desfrute das suas companhias, ensinamentos e amizades.

Saudade, porque tão rico e intenso foi esse desfrute, que tais companhias passaram a fazer parte integrante do ser que as invoca, através da memória e da sensibilidade afectiva. E tal ela é que o autor desta obra não hesita, após a evocação desses seus mestres e companheiros de actividade médica e cirúrgica, rematar o memorial afectivo com a recordação dos seus pais, igualmente falecidos, como se, porventura, os primeiros também fossem seus familiares!

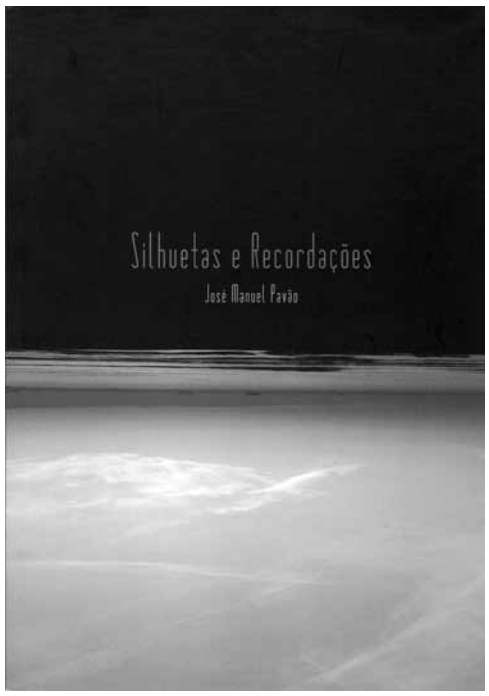
A obra termina com um "Posfácio", onde sobressai particularmente uma reflexão sobre a morte, esse mistério que é simultaneamente o da vida, pretexto não só para a recordação do tirocínio do autor pelo teatro anatómico, como para apresentar uma breve antologia, poética e prosadora, de alguns escritores que sobre a matéria se debruçaram, nomeadamente António Vieira, Fialho de Almeida, Florbela Espanca, José Leite de Vasconcelos, Torga, Saramago, Agustina, Manuel Pina, Daniel Serrão, etc.

Livro de incomum sinceridade, esta obra fixa ainda o domínio de escrita do Dr. José Manuel Pavão, particularmente a delicadeza e a elegância da frase que fazem verdadeiramente o seu estilo, ao ponto de, por vezes, me suscitar a comparação com Júlio Dantas, já que falamos em médicos, o qual, apesar de tão mal tratado por Almada Negreiros, enquanto símbolo de uma literatura conservadora, era um excelente prosador e paisagista monográfico.

DR

Aqui chegado, permito-me solicitar autorização ao Dr. José Manuel Pavão para me associar aos seus sentimentos em relação a algumas figuras aqui invocadas. Desde logo os Companheiros de Rotary Clube Porto-Oeste, William Oswald e Alfredo Calheiros. E depois também em relação a Taborda de Vasconcelos, que tão bem referenciou as minhas primícias literárias e com quem mantive, ao longo dos anos, um convívio inesquecível, de comum proveito ao redor da crítica literária. Muitas vezes esteve em minha casa para trocarmos impressões sobre um ou outro escritor mais recente, que ele escassamente conhecia, a propósito dos verbetes que elaborava para uma enciclopédia. Era um perfeccionista nos seus escritos e duma delicadeza verdadeiramente extraordinária no trato social.

Hoje vivo com a mágoa de só ter sabido do seu passamento dias depois do acontecido e com a revolta de ele se ter finado no mais abjecto e sossegado silêncio por parte da comunidade literária.



FICHA
(*Silhuetas e Recordações*, José Manuel Pavão. Porto, Edição do Autor, 2012).

Manuel Augusto Dias
professor e investigador

Colóquio «Abel Botelho connosco»

"Escreveu das mais belas páginas que têm saído de uma pena portuguesa"

No dia 23 de setembro último, completaram-se 158 anos sobre o nascimento de Abel Acácio de Almeida Botelho. Trata-se de um nome brilhante da literatura portuguesa, que, apesar de ter andado esquecido no nosso país desde praticamente a sua morte (24 de abril de 1917), tem sido ultimamente lembrado, quer pela sua terra natal (Tabuaço), quer por outras terras da Beira (designadamente Cinfães), que não esquecem as ricas referências que lhes fez na sua obra.

Vem a recordação deste nome a propósito do Colóquio, intitulado precisamente «Abel Botelho connosco», que teve lugar no passado dia 22 de setembro, em Tendais, uma das freguesias do município de Cinfães, que o escritor brindou com o conto «A Fritada», que tem como cenário a linda aldeia de Aveloso, na encosta descendente de Montemuro para o Douro, a chegar ao vale do Bestança. Este conto, considerado um importante documento histórico-etnográfico, foi republicado já este ano por Antonino Jorge, que foi um dos conferencistas deste encontro. Os outros foram César Luís Carvalho, que falou da "ruralidade" em Abel Botelho; Valle Figueiredo, que apresentou as relações próximas de Camilo com Abel Botelho; e Maia Marques que tratou das afinidades de Abel Botelho com a Beira.

O Colóquio, que teve a pronta adesão dos autarcas de Cinfães e de Tabuaço e o generoso apoio de associações da freguesia, valeu pelas excelentes comunicações, mas também pela visita à aldeia de Aveloso, que conserva ainda muito da paisagem e do "modus vivendi" comunitário que Abel Botelho tão bem soube descrever.

As gentes, surpreendentemente hospitaleiras como as de outrora, juntaram-se aos congressistas na tarde daquele sábado e houve festa espontânea nas eiras comunitárias da aldeia, qual rossio de romaria, ali mesmo aos pés dos espigueiros e da capelinha de Santa Ana e de S. Joaquim, a fazer lembrar a genealogia do cristianismo e do mundo. Música, pão, broa, vinho, bolo de manteiga e de carne, dança e conversa, tudo se harmonizou, com o som intercalado dos sininhos das vacas, que, indiferentes seguiam, cada qual o seu caminho, não temendo ninguém, enquanto os visitantes, se deslumbravam com as paisagens a descerem até ao Douro, que não se via, mas se adivinhava, lá no fundo, antes de os olhos começarem a subir do outro lado até ao cimo do Marão, que lá no alto, se confundia com as nuvens a prometerem chuva, que os tendalenses pediam para dar maior volume às castanhas e que, no dia seguinte, havia de cair.

A montemurana aldeia de Aveloso, que beneficia hoje de estrada asfaltada, mantém ainda muitas das características de uma secular economia agro-pastoril, com hábitos comunitários arreigados desde os tempos da primeira ocupação humana daquele espaço, que tem praticamente a mesma idade que a nacionalidade portuguesa. O rebanho ainda vai junto para o pastoreio na serra, dividindo-se, no regresso à aldeia, ao fim do dia, seguindo os animais, para os respetivos aposentos, sem precisarem que o pastor os separe e conduza a cada estábulo. Interessantes são também as tradicionais casas de pedra, com os seus arruamentos, cujo pavimento tem sido melhorado, mas mantendo o traçado e a largura. E se não fosse uma ou outra casa nova a destoar do conjunto, poder-se-ia falar de uma autêntica "aldeia museu", bem viva, no seu ancestral viver.

Mas voltando a Abel Botelho, devo dizer que ele foi, primeiro que tudo, um militar, ocupando diversos postos na sua carreira, até chegar ao de Coronel. Com a República, ele que era claramente afeto ao novo regime (vários são os textos em que critica a decadente monarquia; aliás, ele foi maçon, tendo feito a sua iniciação em 1910, na Loja 'Irradiação', de Lisboa, tendo utilizado o simbólico nome de "Spinosa"), assumiu uma maior participação política, tendo integrado mesmo a Comissão que apresentou ao Governo Republicano o projeto da atual Bandeira Nacional. Como político republicano ativo foi eleito Deputado Constituinte por Chaves, em 1911, e seria, mais tarde, eleito Senador.

Igualmente relevante foi a sua faceta de diplomata. E foi no desempenho do cargo de Ministro de Portugal na Argentina, que faleceu, em Buenos Aires, a 24 de abril de 1917.

No que respeita à escrita, foi multifacetado: escreveu uma ampla obra, quer em prosa (contos, teatro, crítica social, publicando alguns livros que integrou na série a que chamou «Patologia Social», e que causaram escândalo na

ABEL BOTELHO

época, tendo alguns sido proibidos), quer em verso. Tinha também muito jeito para o desenho e foi mesmo dos primeiros portugueses a fazer crítica à produção artística nacional. Toda a sua obra (escrita e desenho) se integra nitidamente no naturalismo. Colaborou regularmente em diversas publicações periódicas, designadamente, em *O Dia, Ocidente, O Século, A Ilustração, Revista Moderna, Revista Literária, Serões, Mala da Europa, Diário da Manhã, Novidades, Correio Português, Portugal, Reporter, de que foi director, e A Capital.*

Precisamente este último jornal, «A Capital», na sua edição de 25 de abril de 1917, ao noticiar a sua morte, escreve, a dada altura, o seguinte:

«Abel Botelho foi acima de tudo um homem de letras de indiscutivel merecimento, um romancista cuja obra occupa um logar á parte na litteratura portugueza contemporanea.

Os romances que subordinou a uma serie intitulada "Pathologia social" obtiveram ainda maior exito pela crueza do assumpto de alguns d'elles, pelo escandalo que produziram...»

Mais adiante, refere-se que as suas obras «encerram muitas das mais bellas paginas que teem sahido d'uma penna portugueza. Abel Botelho era um estylista muito pessoal, podendo dizer-se que a sua prosa se não confundia com nenhuma outra. Analysava as almas e as coisas com minucias de anatomista e dispunha d'um abundante e pittoresco vocabulario onde não faltavam os neologismos.

Poeta e dramaturgo, os seus primeiros trabalhos litterarios de certo vulto foram algumas peças que chamaram as attenções do público e da critica (...)»

José Carlos Seabra Pereira
professor universitário UC

Vasco Graça Moura mediador de Camões

1. O ensaísta Vasco Graça Moura impôs-se crescentemente como seguro e brilhante *scholar*... que, de quando em vez, não se coíbe de gozosamente evocar as licenças de uma condição isenta das obrigações académicas e, embora aberta ao contraditório de fundamentação e até afecta à controvérsia argumentativa, não sujeita ao escrutínio de carreira (universitária ou outra). No fundo, irónica e cordial reivindicação de liberdade intelectual, de interactiva autonomia nos interesses culturais e na pesquisa, no desbravamento de caminhos heurísticos e no levantamento de hipóteses interpretativas, da parte de um ensaísta que sabe distinguir-se por invulgar substrato de erudição – de uma erudição motivada, operativa, consequente – e por excelente coordenação crítica dos materiais daí advenientes, mas que felizmente não se dispõe a refrear o desassossego de uma inteligência criativa em tentativas várias de inter-relacionação.

Assim sendo, não surpreende que o ensaísmo de Vasco Graça Moura vise variados temas e que, ao enfrentá-los, continuadamente lance, explore, retome e pondere sucessivas hipóteses interpretativas (porventura com episódicas tentações de excursos ou derivações), que defluem e ao mesmo tempo reforçam a rara conjugação de alta cultura propiciatória (rica «enciclopédia» para os «passeios inferenciais», diria Umberto Eco), de uma esclarecida «poética de conjecturas» (também fulcral na sua criatividade poética e romanesca) e de tão destra dedução contextualizante quão rigorosa aplicação crítica em confronto com a *ratio textus*.

Eis o que superlativamente se manifesta nos ensaios camonianos de Vasco Graça Moura, muito beneficiados pela convocação pertinente dos seus múltiplos conhecimentos de música e artes visuais, de iconologia e emblemática, de história das ideias e de memória dos factos. Eis o que biunivocamente conforma essa criação ensaística a par dos dons de tradutor poético e de tecedor de variações textuais – também para Camões, com a versão das *Poesias Castelhanas* em 2010 e com *Os Lusíadas para gente nova* em 2012.

Aí reina, afinal, não apenas a afinidade com a energia e a teleologia que na obra lírica e narrativa de Vasco Graça Moura determinam a alentada importância e a versátil forma de relação paragramática com a ficção e a dicção de Camões, mas também a comum dependência de uma poética para a qual – depois do pessoano «O poeta é um fingidor», do nemesiano «O poeta é um portador» e do sophiano «O poeta é um escutador» – com coerência e eficácia se diz em causa própria que «O poeta é um figurador»... e um reconfigurador da matéria própria e da colaça matéria alheia.

2. Serviço cultural à comunidade de leitores de Camões e segura experiência de prazer para a sua própria inteligência sensível, o ensaísmo que Vasco Graça Moura dedica recorrentemente ao vate quinhentista impressiona tanto pela qualidade do «entendimento» e do discurso, quanto pela versatilidade dos objectos de estudo. Ora assim recebemos achados heurísticos, inferências e correlacionações, acertos críticos de rectificação e de proposta em matéria genealógica – sobre a questão das ligações de Camões à Casa de Vimioso, por exemplo – ou na revisitação da equação de Camões com os Descobrimentos, com a(s) ideia(s) de Europa, etc. (v.g. in *Retratos de Isabel e outras tentativas*, 1994).

Ora assim deparamos com fulgurantes descobertas de relações paragramáticas, como ocorre em Os penhascos e a serpente (1987), a propósito do verso 6 da estância 21 do Canto IX d'Os Lusíadas, com a relação entre a Ilha dos Amores camoniana e certo Comentário aposto em anónima versão quinhentista do *Triumphus Cupidinis* de Petrarca.

Ora assim somos instruídos pelo tratamento de problemas relativos às fontes históricas *d'Os Lusíadas*, em reajustada perspectiva – em ordem a detectar os subsequentes «processos» artísticos – e com arguta percepção de selecção, montagem e transmutação mítico-literária dos materiais segundo desígnios de vasta arquitectura.

Ora assim temos de ponderar quanto, talvez inadvertidamente, poderíamos ter lido em Vasco Graça Moura de antecipação de teses doutorais sobre pregnância dos programas genológicos e sobre a «perfeita consciência do universo retórico [...] em que Camões se movia», ou de antecipação de estudos sobre potencialidades de ambivalência celebrativa/subversiva (até porque Camões «abre a porta a todas as dialécticas, as suas e as nossas [...] enredando as diferenças perigosas nas dobras da aparência inócua») e, em particular, de revisão valorizadora da figura de Baco n'Os Lusíadas.

Ora assim nos surpreende a bandeirante incursão nos domínios da estruturação especular *d'Os Lusíadas*, com ensaios recolhidos in *Luís de Ca-*

mões: alguns desafios (1980) que ao rasgo insólito na proposta global juntam a consequente prática inovadora na hermenêutica de passos d'*Os Lusíadas*, em particular os que retratam Vénus no Canto II e o Tritão no Canto VI como pólos de luz e sombra que se espelham mutuamente.

Ora assim somos conduzidos a reavaliar (com inspiração entre Huizinga e Rougemont) o episódio dos Doze de Inglaterra – doravante tido por um dos mais importantes pelo seu alcance mítico-filosófico: no mesmo jogo/rito, o princípio da guerra/valor combatente e o princípio do amor – e o seu potencial de articulação à distância com precedentes episódios, capaz de superar as aparências de incoerente contraste dos modelos axiológicos.

Ora assim somos levados a reconsiderar implicações teológicas da alegorese cosmológica d'*Os Lusíadas* (sobretudo a propósito do episódio da Ilha dos Amores), em precioso apêndice à mesma colectânea *Luís de Camões: alguns desafios* (1980).

Ora assim nos confrontamos com o propulsor de gadamerianas controvérsias sobre problemas de autoria de certos textos e sobre a exegese correlata – como acontece em texto de *Lusitana Praia* sobre o soneto «O dia em que eu nasci moura e pereça», aliás em ressalto ensaístico do interpelante poema «não sei se o Camões hoje» de *O concerto campestre* (1993).

Ora assim redimensionamos a leitura de importantes textos das *Rimas*, sob o efeito combinado de invulgar erudição e de argúcia pertinente, como se verifica perante as incidências de tradição emblemática e «alusões heráldicas» na Ode VII de Camões – até sermos abalados, em *Camões e a divina proporção* (1985), pela proposta de compreensão de «Sôbolos rios / Sobre os rios que vão» à luz do «esquema pitagórico» da proporção áurea, em que, ao mesmo tempo que frutifica a relação paragramática do modelo penitencial com a *Imagem da Vida Cristã* de Frei Heitor Pinto, a música e as três funções do canto comparecem sob o signo da aritmosofia.

3. Sem necessidade de recorrer ou de explicitar as razões de semiótica geral da cultura como herança não-biológica do Homem que, considerando cada um dos sistemas de signos e códigos (desde os primários, constituídos pelas línguas históricas naturais, aos secundários, constituídos pelos sistemas religiosos, filosóficos, morais, jurídicos, políticos, artísticos, etc., e aos metassistemas ideológico-sociais das diferentes comunidades histórico-culturais) como sistemas modelizantes do mundo, decisivos enquanto programas de conhecimento e enquanto programas de comportamento inter-relacional para cada falante e para a conformação da sua presença ao Mundo e da sua movência no mundo dos textos, Vasco Graça Moura ilustra invulgarmente a consciência do que está envolvido em cada experiência de transposição textual de uma língua (literária) para outra – e de como, por consequência, cada tradutor é intérprete no sentido etimológico do termo latino *interpres*. Mas Vasco Graça Moura sabe também e tão bem que, como dilucidaram grandes teorizadores legitimados por magnífico exercício de diversos modelos hermenêuticos e em especial, dos lados da fenomenologia literária, o Jean Starobinski de La relation critique, que como interpres se deve reconhecer e realizar todo o bom leitor e crítico de literatura.

É por isso que o extenso e excelente trabalho de tradutor de poesia que de há muito vem notabilizando Vasco Graça Moura consiste num processo colaço do seu ensaísmo e que o substrato das suas tão estreitas relações, em ordem a uma **poética da rescrita**, igualmente as estende, por sobre fronteiras moventes e fluidas, ao domínio da sua criação literária com genotexto indiscernivelmente existencial e intertextual.

Não só o ensaísta e o seu mapa de preferências no cânone ocidental, que decerto partilha com o ficcionista lírico e narrativo no seu modo paragramático de configurar novos textos, têm responsabilidades fortes na escolha dos autores a traduzir – de Dante a Petrarca, de Ronsard a Shakespeare, de Rilke a García Lorca, de G. Benn a Walter Benjamin, de H. M. Enzensberger a Seamus Heaney, etc. –, como o mesmo ensaísta, com seu património de cultura propiciatória, de recursos heurísticos e de dotes hermenêuticos, e o criador lírico e narrativo, com seus palimpsestos discursivos e seu thesaurus citacional, condicionam positivamente a lida do tradutor com uma legitimidade de relação afinal biunívoca, pois que tanto a ele como ao leitor instrumentado e ao criativo refigurador faz Graça Moura saber que «toda a leitura é tradução e toda a tradução começa por "traduzir" o próprio tradutor...».

Por todas estas razões, não surpreende que Camões, primacial na tessitura intertextual da poesia e do romance de Vasco Graça Moura e tema maior do seu ensaísmo literário, tenha saído ao caminho do tradutor em que admiravelmente se desdobra o *interpres* que o mesmo Graça Moura sempre se quer e é – e que mais uma vez se confirmou em 2010 com a tradução e o prefácio às *Poesias Castelhanas de Camões*.

Com seu quê de sério e gratificante divertimento mozartiano, essa obra camoniana de Vasco Graça Moura ergue-se naturalmente sobre os alicerces de cabal conhecimento da história do bilinguismo literário luso-espanhol – em verdade tão desigual, se não de via única, isto é, de autores portugueses escrevendo em castelhano, sob o efeito de tradição medieval e pós-medieval (ditada por inte-

resses políticos e económicos, quase naturalizada pela contiguidade territorial e pelos vínculos familiares), mas no tempo de Camões reforçada na boa consciência ético-patriótica pela admiração e assimiladora receptividade perante as novidades excelentes que culminavam em Garcilaso de la Veja e que em Camões se assinala em múltiplos passos como o que Vasco Graça Moura vai buscar à Écloga I para epígrafe preambular – «escuta um pouco, nota e vê, Umbrano, / quão bem que soa o verso castelhano» –, decerto sem «desnacionalização ou bastardia das nossas letras», como haveria de advertir, *et pour cause*, António Sardinha, e no caso particular de Camões valorizável, na óptica e segundo a ponderação que Oliveira Martins haveria de assumir, por manifestar «a essência do génio ibérico» e ser «o intérprete da civilização peninsular perante o mundo».

Mas Graça Moura, ciente dos matizes vários do reconhecimento luso e da celebração espanhola que ao longo dos séculos contemplou o «hispanismo» de Camões (até ao *Camoens,clásico español* de Filgueira Valverde, em 1981), procede antes a uma sua integração superadora na perspectiva (conceptual e histórica) do sistema de comunidade interliterária, de cujo estudo D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos foi precursora como em tantos outros casos e que nos nossos dias se confortou com os dados da recapitulação de «Camões e a tradição poética peninsular» levada a cabo por Aníbal Pinto de Castro e se consolidou com os novos pressupostos teórico-metodológicos de magistral ensaio de Vítor Aguiar e Silva sobre «Camões e a comunidade interliterária luso-castelhana nos séculos XVI e XVII (1572-1648)».

Assim, é sob luz actual que avançamos ao encontro da versão portuguesa das poesias castelhanas do «príncipe dos poetas» peninsulares, cedo canonizado em Portugal e em Espanha como autor modelar pela excelência da sua poesia e pela qualidade da(s) sua(s) língua(s). Embora reconhecendo preambularmente que não vive aqui o melhor Camões, com essa exímia versão não é só mais acessível e frequente leitura qua Vasco Graça Moura proporciona àquela parte consuetudinariamente subestimada do corpus poético de Camões; dando-a a ler em bons versos de reconfiguração portuguesa, essa versão e as considerações que a precedem vão decerto propiciar-lhe melhor fortuna recepcional e resgatar a pouca atenção que secularmente se tem dado aos já referidos versos bucólicos de apreço camoniano pelo canto lírico castelhano seu contemporâneo.

4. O talento de variação que multimodamente se manifesta na obra literária de Vasco Graça Moura decidiu, não há muito, deixar-se polarizar por novo tipo de relação paragramática com a obra de Camões – numa iniciativa que noutros autores se tomaria por inglória temeridade, mas que neste caso se saldou em novo êxito de comunicação estética e em incomum serviço cívico e cultural ao claudicante cuidado público com a educação das inteligências e das sensibilidades e com a preservação da memória pátria no devir de identidades legitimamente pluridimensionais. Trata-se, já se deixa adivinhar, da adaptação – tão diferente das anteriores! – da epopeia camoniana em *Os Lusíadas para gente nova*.

Fiel à acertada convicção de que uma das melhores lições que Camões legou a quanto escritor quiser ser *modernus* é a de íntima frequentação e criteriosa assimilação dos clássicos – «Ora Camões os clássicos leu bem / E os soube usar melhor do que ninguém» –, Vasco Graça Moura de novo se prevalece dos dotes com que verseja em consonância com outra orientação discursiva que partilha com o próprio Camões – a poética da criação como apuro técnico – para transpor a estrutura narrativa e retórica d'*Os Lusíadas* para oitavas em que os seus próprios versos transmitem a substância diegética e simbólica do poema épico em registo de linguagem e estilo equacionado com o estádio actual da língua portuguesa e com as gamas léxico-gramaticais do seu uso corrente, num tom de variável coloquialidade perfeitamente adequado à captação do interesse e da compreensão dos juvenis destinatários (... e, afinal, dadas as qualidades de que se reveste essa pragmática, também de todo o tipo de leitor).

Não estamos, pois, apenas perante hábil e preciosa nuga, mas sim diante de superior desdobramento de recepção criativa, que prima pela eficiência da transposição sinóptica para presente variedade diacrónica da língua portuguesa e, por outro lado, pelos efeitos de leitura que advêm da cognata componente de interpretação que ora se explicita em solícito guia («v. g. «Se na proposição Camões coloca / O que nos quer contar, logo a seguir /...»), ora implicitamente lavra no húmus assertivo, figural e prosódico dos versos.

Especial destaque merece certo aspecto que, confirmando a destreza técnico-formal de Vasco Graça Moura, tem mais fundas implicações em sede de teoria da comunicação literária. Trata-se dos amplos efeitos conotativos com que a tonalidade camoniana do texto cativa e envolve os leitores graças à prosódia adoptada nas oitavas. Apesar de ser minoritária a reprodução de versos d'*Os Lusíadas* ou a citação de passos seus, e apesar de os maioritários versos da autoria de Graça Moura se afastarem de qualquer exercício de reconstituição linguística em arqueologia estilística, a sua arte combinatória, polarizada pela sintonização prosódica com a obra matricial, leva a que uma e outra vez o leitor, esquecendo-se da transposição discursiva que se interpôs entre ele e os originários decassílabos quinhentistas, se julgue em convívio privilegiado com novos versos de Camões.

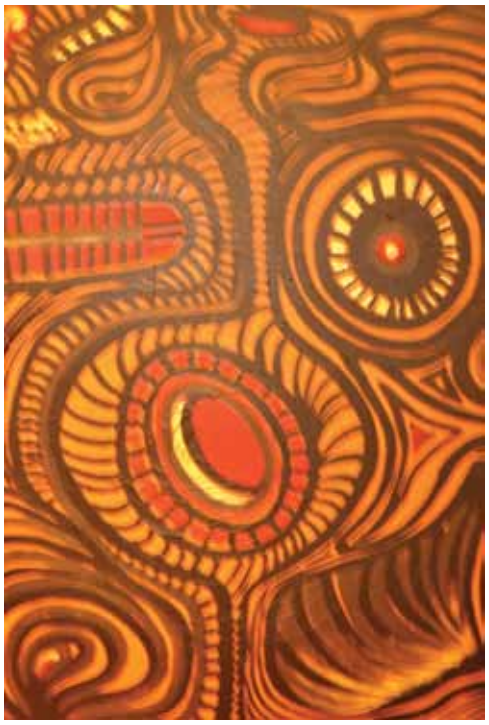
5. Quando o tradutor e ensaísta Vasco Graça Moura diz que a melhor pergunta não é «quem influenciou Camões», mas sim «quem **me** influenciou nesta leitura de Camões», propicia-nos uma ponte para outra reflexão e subsequente trabalho de análise textual, visando as formas de presença do legado de Camões no *corpus* da criação literária do poeta e do romancista Vasco Graça Moura – quer como directo inspirador de intencionalidades estruturantes desse *corpus* e de suas características temático-formais, quer como mediador de motivemas e estilemas oriundos de outros autores.

Já encetada por outros estudiosos da obra de Vasco Graça Moura, essa matéria será por mim retomada em próxima oportunidade.

África sempre presente

Carolina Schacht nasceu em Conakry no ano de 74, e iniciou a sua formação na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, mas é a pintura e a escultura que a apaixona. Pode dizer-se que se trata de um novo talento a conquistar os «aficionados» da arte.

MARIA JOSÉ GUEDES



O seu percurso na cultura não começa com as artes plásticas, mas com as artes cénicas, tendo passado por diversas companhias de teatro, participado em vários festivais, mas creio não errar se disser que foi em Gondomar, como docente de geometria descritiva, educação visual e oficina de artes, que a paixão pela pintura despertou?!

O meu percurso começa com as Artes performativas com a CulturPorto, com quem colaborei em várias frentes - apoiando na parte de produção dos espetáculos, na organização e também no backstage dos festivais; tanto de música como de Teatro.

Foi uma fase da minha vida em que tive o privilégio de estar em contacto com uma grande variedade de artistas e experiências culturais que me enriqueceram muito, e contribuíram bastante para a maturidade nos desafios que hoje me vão sendo colocados. Entretanto, foram surgindo mais solicitações no ramo do Teatro, que foram abrindo caminho a outro tipo de interesses a nível cénico, e foi por aí que optei por continuar, transferindo a minha paixão pela Arquitectura, num profundo interesse pela Cenografia, tendo assim me levado a querer profissionalizar-me e ingressar em Curso de Cenografia.

No entanto, posso dizer que a minha relação com a pintura é anterior à Cenografia. Essa veia revelou-se bem cedo. E estimulada por amigos, fiz algumas intervenções iniciais, bem modestas, que voltei a repetir quando dava aulas. Encabecei um projecto de movimento artístico com alunos (quando dava aulas de Geometria Descritiva e Oficina de Artes), no contexto do projecto "Arte na Escola", que acabaria por marcar um crescendo de uma vontade de produzir ao nível da pintura.

Esta aposta na pintura e também na escultura tem sido fundamental para a sua participação em diversas exposições. O seu talento tem sido acarinhado e reconhecido como esperava?

Esta é daquelas questões difíceis de responder. Ainda me considero uma iniciada no ramo da pintura. Apesar de já ter a minha passagem em vários eventos Culturais.

É difícil de mesurar, sobretudo com esta conjuntura, onde o ramo das artes é o que mais sai lesado. Mas posso ousar dizer que sim. Tenho tido uma apreciação muito positiva do público que vai aos locais onde tenho tido o prazer de expor as minhas obras. Apesar de por vezes nos meus trabalhos, enveredar por temas um pouco polémicos, surpreendentemente tenho sido compreendida, e o retorno tem sido bastante positivo. E ainda mais, quando a apreciação vem dos nossos homónimos, é sem dúvida um grande estímulo!

Mas o mais importante para mim, é que percebam os meus trabalhos, estando ciente que nem todos sentimos da mesma maneira...

África está sempre presente nas suas obras, sendo que nasceu em Conakry?

Nasci em Conakry, mas derivada a minha história de vida; marcada pelas sucessivas mudanças a nível geográfico, desde terna idade, costumo dizer que sou uma cidadã do mundo, "sou daqui e dali". Mas as raízes da Terra mãe são tão profundas que sobressaem de forma natural, em todo o meu trabalho.

Apesar das minhas obras não serem focadas sobre o tema África, elas têm todas a sua africaneidade, sim. Mesmo quando trabalho é a preto e branco, os padrões usados, remetem sempre aos padrões da minha memória. É algo intrínseco à minha pessoa. Está lá mesmo quando não o procuro. Costumamos dizer que ao partilharmos um trabalho, damos também pequenos pedaços de nós, nesses fragmentos também estão incluídos alguns carimbos das nossas vivências, cultura, e da nossa origem.

Na sua mais recente mostra, Ilustrações Aguareladas, só marcam presença os brancos e pretos. São estas as cores que a fascinam, ou foi a opção para esta exposição que nos fazia entrar num "mundo alternativo"?

Gosto muito de usar cor nos meus trabalhos, e a referência nos meus trabalhos têm sido as cores fortes. Neste trabalho em especial, o uso apenas do preto e branco foi uma opção que se prendeu com o tema que queria desenvolver. E foi uma experiência que me fascinou, e que acabei por repetir, mas com outra técnica, no trabalho imediatamente a seguir. Acho que os trabalhos a preto e branco permitem contemplar alguns detalhes das obras que nem sempre se permitem sobressair, por vezes ofuscados pela cor. E quando se tratam de trabalhos onde a linha está em destaque em relação à mancha, mais se vê essa necessidade de suprimir a cor.

Como vê as artes em Portugal e em África?

Numa altura em que o centro gravitacional ao nível económico, cada vez mais se descentraliza da Europa para África, podemos observar o emergir de novos movimentos artísticos em África. É sabido que não há relação directa entre desenvolvimento económico e criação artística e cultural. Contudo, sabemos que há uma relação directa entre criação e a sua recepção, ou seja o desbloqueio da comunicação, a liberdade de expressão, e abertura de fronteiras ao nível artístico. Se a nível Europeu continuam a surgir movimentos independentes tornando as produções artísticas mais heterogéneas, a diversidade cultural e étnica Africanas projectam ainda mais esse factor. As questões do foro colonial ou pós-coloniais já não são tão abordadas, deixando emergir agora uma vertente multicultural e abrangente das artes, numa procura de fusão, dando espaço e abertura aos artistas homónimos europeus, que cada vez mais procuram também acompanhar as novidades do Continente Africano. Agora com esta disponibilidade de troca de experiências, só enriquece ambas as partes. Portugal, fez parte da história Africana, a sua passagem e presença em África não foi e nem é inócua, o que faz com que também seja de forma intrínseca parte daquilo a que chamamos a cultura pós-colonial. E vê-se espelhado esse sentimento em alguns movimentos artísticos actuais, procurando abordar as questões da negritude na contemporaneidade, fundindo o étnico com o moderno. Tem sido muito interessante tentar acompanhar todas estas novidades. As manifestações culturais deixam de ser regionais e passam a ser além fronteiras.

Cor de Canela 2 de Maria Flores

Jorge Amado na Galeria do Casino Estoril

A Galeria de Arte do Casino Estoril tem patente o XXVI Salão de Outono, que este ano, em que se celebra o centenário de Jorge Amado, tem por tema a sua vida e obra, as personagens dos seus livros, os cenários das suas novelas, as cidades em que viveu. Para a mostra, os artistas que participam "interpretaram de forma muito positiva e feliz o objectivo desta exposição: através da Arte homenagear Jorge Amado, o Homem, o Escritor e o Amigo de Portugal e dos Portugueses".

Moda e arte

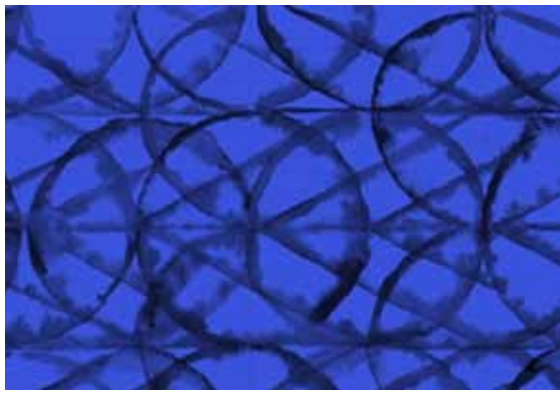
Joana Pimentel exibe as suas obras no Porto, na Fashion Clinic (Avenida da Boavista), Porto, inserida na iniciativa «FC-Art - when fashion meets art», que dedica um espaço à arte dentro da loja, até ao dia 8 de Dezembro. São 16 das suas obras, desde fotografias a imagens manipuladas, que revisitam o seu percurso artístico.

«Uma escultura (S.N.B.A.), 1972»

A exposição de Ângelo de Sousa (1938-2011) «Uma escultura (S.N.B.A.), 1972», encontra-se no CAAA, Guimarães, até ao dia 2 de Dezembro. «Uma Escultura» é o título de um filme Super 8 realizado por Ângelo de Sousa na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa em Maio de 1972. O filme reproduziu, física e conceptualmente, as esculturas, cujo experimentalismo conferiu a Ângelo de Sousa, uma Menção Honrosa do prémio Soquil, atribuído pela secção portuguesa da A.I.C.A.. A cópia digitalizada do filme está a ser apresentada pela primeira vez no CAAA, a par da escultura e de documentos como o guião do filme, fotografias da exposição e maquetes de trabalho. A exposição simultânea do filme, da escultura e de vários outros documentos, reforça a cumplicidade explorada por Ângelo de Sousa entre os diferentes suportes artísticos e amplia o conhecimento e a percepção individual destes objectos.

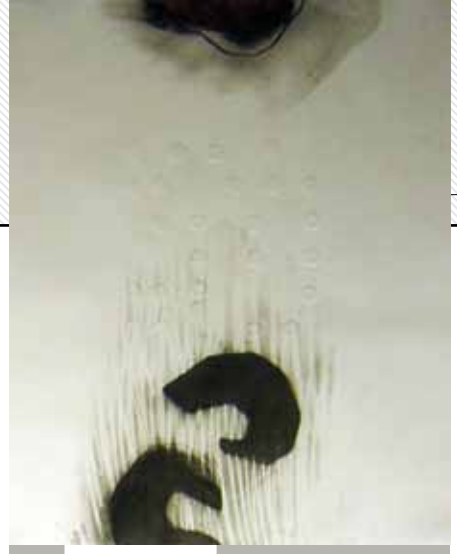
«Orla»

A exposição de Isabel Carvalho «Orla» está patente na Galeria Quadrado Azul, Porto, até ao dia 29 de Dezembro. O título escolhido refere-se à localização geográfica, costeira, mas surge também como modo de designar o presente. Como define a artista, «Orla» é "lugar de encontro e de confronto; linha dinâmica e intensa, em sacudidelas constantes; onde se disputa o território; recorte e configuração em permanente actualização dos limites; é onde se encontra uma grande diversidade de alternativas promissoras; é, numa visão aproximada, uma malha texturada móvel...".



«Hompesch - 45 anos de Pintura»

A exposição «Hompesch - 45 anos de Pintura», do artista plástico belga Daniel Hompesch inaugura no dia 1 de Dezembro, às 16h30, na Galeria da Ortopóvoa, na Póvoa de Varzim. "Operário pertinaz, Daniel Hompesh cria, sem parar, há quarenta e cinco anos" entre pintura, escultura e gravura. A mostra está patente até 28 de Fevereiro de 2013.



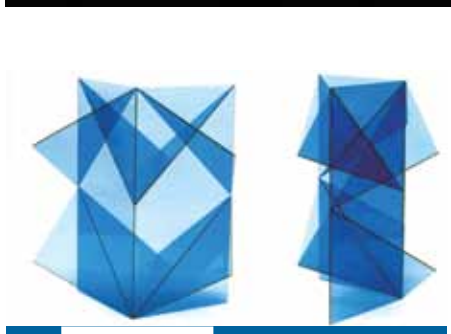
Impermanências de Sílvia Simões

José Rosinhas Art Gallery Wall tem patente uma exposição individual de Sílvia Simões intitulada «Impermanências e permanências no desenho» até ao dia 4 de Janeiro de 2013. A mostra na 'exposhop', Porto, reunirá um conjunto de desenhos da artista. Entretanto, recorde-se que a colectiva «Península com arte», organizada por José Rosinhas, continua patente no Península (espaço comercial), no Porto, até ao dia 17 de Dezembro.

Manuel António Pina no MNI

O Museu Nacional da Imprensa, Porto, tem patente uma exposição documental de homenagem ao jornalista e escritor Manuel António Pina até ao dia 31 de Maio de 2013. «A luz das palavras» é o título da exposição e destacará três vertentes: Jornalismo, Poesia, Literatura Infantil. Também a relação dos gatos com os escritores tem um lugar especial na mostra, com uma colecção de textos variados sobre o tema. Mais de uma dúzia de escritores portugueses respondeu a um inquérito promovido pelo Museu. Ainda integrada nesta homenagem do MNI, está patente «Pina na paleta de Agostinho», de Agostinho Santos. Esta mostra é constituída por 45 trabalhos, entre desenho, pintura e objectos, concebidos ao longo do anos em que o artista plástico teve – como referiu – "a felicidade e o privilégio de ser amigo do Pina (era um dos meus maiores amigos) e com ele privar tempos fantásticos".

«Pina e o gato». Tinta da china s/ papel (2005). Agostinho Santos



Várias fases de um artista...

O livro «As Idades do Homem» é dedicado a homenagear Jorge Pinheiro, um dos grandes pintores portugueses. A obra, editada pela Modo de Ler, patrocinada pelo Casino da Póvoa e que assinala o 44.º aniversário da Varzim Sol – Turismo, Jogo e Animação, percorre as diversas fases da longa carreira do artista.

«Ninguém pode sonhar por ti!»

A Galeria Vieira Portuense, Porto, acolhe «Ninguém pode sonhar por ti», de Pedro Charneca. Na mostra, patente até 8 de Dezembro, o artista abre-nos "os portões do seu jardim encantado, onde a poesia se torna imagem e esta retorna poema... num fluxo eterno de harmonia e beleza".

«Laissez Faire»

ISABEL FERNANDES

Vai nascer no Porto um projecto cultural que pretende ser "informal, inovador e surpreendente". «Laissez Faire - Mostra de Arte Independente» arranca no próximo dia 15 de Dezembro, sem explorar qualquer linha conceptual e com 25 artistas nacionais e estrangeiros de nove áreas: pintura, escultura, instalação, fotografia, vídeo, joalharia, música, literatura e a performance. Com a intenção clara de "quebrar muitos dos convencionalismos associados à arte, contrariar a ideia de que é necessário um espaço próprio e préconcebido para esta acontecer", o projecto funcionará na fábrica mais antiga de molduras do país, Felisberto Oliveira, na Rua do Heroísmo, 51. Tentar rentabilizar o espaço vazio, mas também o usado, pois a arte estará por todo o lado, incluindo nas oficinas, para que haja um diálogo entre o artesanal e o artístico.

A inauguração, que decorrerá entre as 14 e as 20 horas, será preenchida com música. Um dos participantes é Maurício Guedes, que tocará guitarra eléctrica, aquela que no dia em que o jornal As Artes entre As Letras visitou o espaço (ou espaços) ele estava a construir: "Vou tocar com ela na inauguração", anunciou confiante e nem a dúvida provocatória de Martim Dias, que naquele momento servia de guia – um privilégio que não existirá durante o tempo da mostra –, o abalou: "Tenho a minha [a habitual], que posso usar, mas acho que não será preciso". Um pouco no espírito do projecto, que quer misturar a arte final com o processo de criação e que assumidamente é "um projecto cultural, mas também empresarial".

A exposição poderá ser visitada até 12 de Janeiro de 2013 durante a hora de expediente da empresa. «Laissez faire» («deixar fazer») é o nome do projecto que envolve quatro responsáveis, é o lema e assim o encara Victor Guedes, o dono da empresa onde funcionará a exposição. Jorge Velhote é o «superentendido», Martim Dias, o «decurador», e António Gonçalves, pintor (e orçamentos grátis). Este tem o ateliê na fábrica que estará aberto e onde deverão realizar-se tertúlias sem marcação e sem temas pré-estabelecidos.

A mostra incluirá nomes consagrados da arte portuguesa e estrangeira e trabalhos de artistas emergentes. Acácio Carvalho, Ana Silva e André Cepeda, Hélder de Carvalho, Joana Rêgo e Zulmiro de Carvalho são apenas alguns dos nomes que estavam já confirmados no dia da visita.

Carlos Cabral Nunes
cabral_nunes@perve.org.pt

Palavras-actos #47

Decorreu este mês a 6.ª edição do "Lisbon & Estoril Film Festival" (LEFFest). Desde a primeira edição que procurei acompanhar o desenvolvimento deste festival, organizado por uma pessoa que, não sendo consensual, admiro pela capacidade empreendedora e pela visão, Paulo Branco. Só este ano o conheci pessoalmente e troquei com ele algumas palavras. Entre felicitações e votos de sucesso, foi-me possível dizer-lhe que considero importante a aproximação que ele tem procurado fazer ao mundo das artes plásticas e da poesia. Este ano, tal caminho culminou com a apresentação de várias exposições de autores portugueses, numa clara tentativa de capitalizar para a arte nacional os efeitos da mediatização e internacionalização do festival que contou, entre muitas outras figuras do estrelato mundial, com a presença de um Willem Dafoe que soube dar uma lição de humildade na forma como falou de si e do seu percurso, após visionamento do interessante filme "The Life and Death of Marina Abramovic" realizado pela sua mulher, Giada Colagrande. Mais ainda quando se prestou a ler poesia, numa das sessões organizadas pelo festival. A verdade é que o LEFFest segue um modelo que pode a prazo fazer de Portugal um destino internacional para as indústrias culturais, como hije se chamam as atividades ligadas às artes e cultura. Não apenas o grande cinema, que o Festival já congrega, mas as outras artes também. Isso mesmo foi o que me atraiu desde o início e foi a razão que me fez querer acompanhar o seu desenvolvimento. A questão que se coloca, porém, é que o seu crescimento implicou a dispersão do modelo pelo Estoril, onde começou, e por Lisboa, acabando por fragmentar os públicos. Penso que, no futuro, Paulo Branco se mudará definitivamente para Lisboa, acabando o Estoril por ficar mais satélite mas acho que isso pode ser prejudicial porque, precisamente, essa periferia glamorosa garantia uma marca distintiva para a iniciativa e permitia-lhe, ao invés de rumar a Lisboa onde abundam festivais e eventos concorrentes, seguir aprofundando os laços com outras zonas-satélite da capital: Oeiras e Sintra, para dar dois exemplos, seriam locais excelentes, com menos oferta cultural, para onde o LEFFest poderia e deveria crescer. Imagine-se o que seria ver polos do Festival em sítios como o Palácio de Seteais ou na antiga Fábrica da Pólvora, em Barcarena. Isto para não falar de Cascais, onde o LEFFest fez um tímido programa, na Casa das Histórias da Paula Rego mas acabou não utilizando nenhuma das outras estruturas de que aquele concelho está munido. Não o fez por, precisamente, ter investido muito das suas energias e programação em Lisboa. Sem o sucesso que tais esforços mereceriam, dada a pouca adesão a algumas sessões. Uma das quais, com a presença do interessante realizador luso-alemão Miguel Alexandre, tinha apenas 3 pessoas na sala, um dos quais este vosso escriba, o que tornou a visualização dos filmes e a conversa subsequente algo tão especial e íntimo, um autêntico privilégio, como constrangedor, pois que era suposto haver uma sala, se não esgotada, pelo menos composta por algumas dezenas de almas. Isso, a ausência de público, foi uma novidade para mim e explico-a à luz do que disse atrás: Lisboa, pela multitude de acontecimentos simultâneos, não tem capacidade de filiação de públicos como a têm os seus concelhos vizinhos. Essa aposta inicial de Paulo Branco deveria ser mantida e exponenciada. Faço votos de que ele consiga perceber esse aspeto essencial para que o seu festival cresça e floresça como merece e o país precisa, pois que este é, seguramente, o Festival de cinema que melhor nos pode colocar na rota dos grandes eventos internacionais dedicados às artes. Mais: se a Experimenta Design e a Trienal de Arquitetura, a par com outros eventos interessantes que se realizam na capital, se juntassem ao LEFFest e fizessem parcerias, isso permitiria que Portugal entrasse numa escala muito superior à que cada evento permite alcançar isoladamente. Num momento de crise como o que atravessamos, talvez seja esta a oportunidade para os agentes das artes e da cultura se reunirem e estabelecerem bases de trabalho que possibilitem fazer no nosso país uma iniciativa de facto internacional.

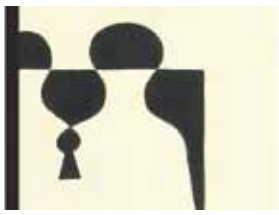
Decorreu também este mês eleições para a APGA (Associação Portuguesa de Galerias de Arte). Sem novidade, a anterior Direção acabou por ser reeleita, trocando de cadeira os anteriores dirigentes. Digo sem novidade porque há uns meses os mesmos dirigentes haviam anunciado não se recandidatar para abrirem espaço a novos projetos e liderança para esta única, infelizmente, associação sectorial das galerias de arte. Nessa altura, motivado por alguns apoios e incentivado por outros tantos, avancei com uma pré-candidatura. Fi-lo com a convicção de que não queria estar contra ninguém mas sim a favor de uma renovação de objetivos para este setor que deve atualizar-se nos processos e na metodologia, para bem de todos os agentes do mercado da arte. Por essa força de razão, em conjunto com a inestimável Inês Marcelo Curto, minha colega de mestrado e colaboradora há anos da Galeria António Prates, realizei um longo memorando onde procurei identificar os problemas que se colocam a esta atividade, as soluções possíveis e os caminhos que a APGA deveria prosseguir por forma a assumir as suas reais responsabilidades perante os seus associados mas, igualmente, face aos autores, críticos de arte e demais intervenientes do meio artístico. Lamentavelmente, pouco tempo antes de fechar o prazo de apresentação das listas, apercebi-me de movimentações obscuras e, após alguma insistência, dei-me conta de que, afinal, os tais elementos que não queriam recandidatar-se estavam de facto a organizar uma lista. Como sempre entendi que não queria criar fações nem rivalidades, decidi retirar a candidatura. Faço votos de que a APGA possa encontrar um caminho que a retire da quase inexistência em que tem vivido ao longo dos últimos anos e, especialmente, após a morte do Manuel de Brito, grande galerista que soube criar e elevar o nome desta associação. Entretanto, aproveito este espaço para agradecer o apoio dado por várias galerias, de norte a sul do país, prometendo continuar atento e disponível para colaborar no fortalecimento deste setor vital da atividade artística nacional.

PUB

Lusophonies | Lusofonias
Obras da coleção da Perve Galeria

Homenagem a Cruzeiro Seixas
Um passo à frente em África

centro cultural palácio do egipto



Eça & Outras

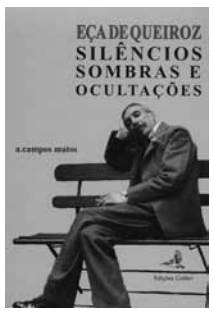
História dos Vinhos

Entre os dias 12 e 19 de Outubro decorreu no Porto, Marco de Canaveses, Barcelos e Ponte de Lima o 2.º Congresso Internacional do Vinho Verde – Economia, Sociedade e Património, organizado pela Associação Portuguesa da História da Vinha e do Vinho (APHVIN/GEVID) no qual participaram alguns confrades queirosianos com comunicações sobre o tema, nomeadamente J. A. Gonçalves Guimarães e Graça Nicolau de Almeida sobre «A comercialização de Vinho Verde por empresas de Vinho do Porto: o caso da Casa Ramos Pinto» e Francisco Ribeiro da Silva sobre «Vinha, paisagem e economia do concelho de Ponte de Lima nos meados do século XVIII».

Entretanto, no dia 10 de Novembro foram lançadas em Viana do Castelo as Atas do Congresso Vinhas e Vinhos – I Congresso Internacional, realizado em Outubro de 2010, também pela mesma associação, onde igualmente estiveram presentes alguns investigadores do Gabinete de História, Arqueologia e Património da Confraria Queirosiana.

Dois livros queirosianos

A. Campos Matos acaba de dar à estampa mais duas obras suas, como sempre de temática queirosiana, como é o caso de «Silêncios, Sombras e Ocultações», publicado por Edições Colibri, e de «Um caso insensato da cultura nacional. Querela inútil mas inevitável», pela mesma editora.



No primeiro caso trata-se de um tema que inicialmente foi publicado com o mesmo título no Boletim Cultural Póvoa de Varzim, vol. 42 em 2008 e depois, muito bem acompanhado de mais dezoito temas queirosianos e onze sobre diversos outros escritores, publicado no Brasil pela editora Movimento com o patrocínio do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro em 2011.

A presente 2.ª edição tem mais oito artigos do que a edição brasileira, vindo assim enriquecer a sua já vasta e imprescindível bibliografia queirosiana e, além do mais, agora com estampas a cores que muito a valorizam.

O segundo trabalho deste incansável autor é uma brochura de meia centena de páginas nas quais reúne a sua querela recente com a Fundação Eça de Queiroz de Baião, a propósito desta entidade não ceder peças aí depositadas que pertenceram ao escritor para figurarem na exposição internacional que vai decorrer em S. Paulo, no Brasil, em 2013.

Para além da querela, que justificou a A. Campos Matos o título, junta-lhe o artigo já publicado no seu «Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz», Lisboa, Caminho, 2000, com o título «Relações da família de Eça de Queiroz com os críticos», complementado com uma "actualização" sobre o tema.

Ambas as obras foram lançadas em Lisboa na Livraria Ferin no passado dia 12 de Outubro, apresentados pelo Prof. Doutor Eugénio Lisboa.

Os Ourives

Através da Associação dos Amigos de Pereiros, Alberto Júlio da Silva Fernandes acaba de publicar um livro sobre ourives prateiros que é também ele próprio uma obra de Arte graças ao seu grafismo, e por ser também um belo catálogo da melhor produção de António do Nascimento Fernandes & Irmão, e de Joaquim do Nascimento Bastardo Lda.

Nascido de um desafio de gerações familiares que não querem que se perca esta memória, já materializada num núcleo museológico na aldeia de Pereiros, S. João da Pesqueira, o livro apresenta ainda imprescindíveis dados históricos sobre a Confraria de Santo Elói e dados técnicos sobre como se fazia, por exemplo, uma taça a partir de uma moeda de prata, entre muitas outras sabedorias de uma profissão que deixou por instituições, monumentos e particulares uma das mais ricas evidências da arte nacional: as pratas cinzeladas. À venda na Loja on-line da Confraria.

Eça no Brasil

No passado dia 24 de Outubro, a Prof. Doutora Isabel Pires de Lima em visita ao Recife como delegada da Fundação Eça de Queirós, Baião, proferiu no auditório do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco uma conferência intitulada «A paleta de Eça de Queiroz e as artes visuais contemporâneas». Esta apresentação teve o apoio e a presença da Sociedade Eça de Queiroz do Recife, de que é presidente o nosso confrade Dr. Dagoberto Carvalho J.or, distinto médico, historiador de Arte e militante queirosianista.

Atividades da Confraria

Prosseguem no Solar Condes de Resende as atividades locais da Confraria Queirosiana: assim, para além do curso de Pintura e expressão plástica, que passou para as 4.ªs feiras às 18 horas, prosseguem as 5.ªs de Cultura com iniciação ao bridge às 18h30 e palestra às 21 horas com entrada livre.

Colóquio dos Olivais

Até 30 de Novembro decorre, na Escola Secundária Eça de Queirós, em Olivais, Lisboa, o XVIII Colóquio dos Olivais organizado pelo nosso confrade Fernando Andrade Lemos, que no dia 27 apresentou a comunicação «Ensaio sobre a possível mitogenia da freguesia de Santa Maria dos Olivais», em colaboração com José António Silva; hoje (28) é a vez de Luís Manuel de Araújo apresentar «Eça de Queirós e o Museu Egípcio do Cairo» e o lançamento do n.º 5 dos «Cadernos Culturais de Telheiras, Lumiar, Olivais» dirigidos também por aquele diretor do Centro Cultural Eça de Queirós.

Email
queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blospot.com
eca-e-outrasblogspot.com

Coordenação da página
queirosiana@gmail.com

Endereço Postal:
Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas V.N. GAIA - PORTUGAL
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622
Telm.: 968 193 238

Jorge Sanglard
jornalista e pesquisador

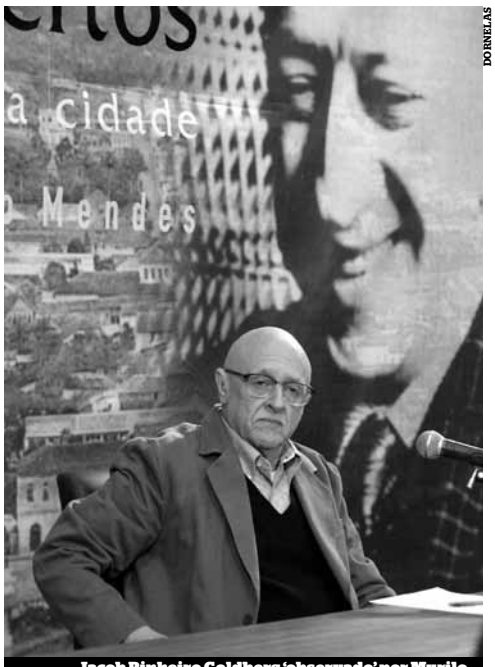
O Direito no divã - Jacob Pinheiro Goldberg

Um advogado que viaja pela mente

Há mais de cinco décadas, Jacob Pinheiro Goldberg vem construindo uma sólida carreira como psicólogo e doutor em psicologia, assistente social, ensaísta, escritor, orador e advogado, que durante muitos anos atuou na militância forense. Mas é como polemista que vem, ao longo do tempo, questionando o conformismo e lançando um olhar atento sobre os caminhos que o Brasil e os brasileiros trilham no rumo do desenvolvimento humano e social. A sua contundente ação crítica levou a Tribuna do Direito a reconhecê-lo como "o advogado que viaja pela mente". E não é para menos, pois foi essa nova percepção de Goldberg que levou a prática da psicologia jurídica voltar seu enfoque para a análise sistemática do crime e da violência no Brasil ao lado da psiquiatria forense. Centenas de conferências, artigos, livros, entrevistas e reflexões pavimentaram seu esforço nesse sentido e, seu filho, Flavio Goldberg, alinhavou toda essa trajetória ao reunir no livro intitulado **«O Direito no divã - Ética da Emoção»** (Saraiva) as idéias e as reflexões de um livre pensador antenado com as coisas de seu tempo.

Sempre atento a questões polêmicas como a violência cotidiana contra a mulher, os crimes bárbaros que chocam a sociedade, a pedofilia, a situação do menor infrator, as raízes da violência urbana, a sociopatia e as questões do Direito Penal, Jacob Goldberg, desde o início de sua trajetória como advogado, assumiu, corajosamente, o compartilhamento do saber fazendo uso da mídia e negou o encastelamento da academia, ampliando o horizonte de suas avaliações. Flavio Goldberg enfatiza a parceria com Xênia Bier, na TV Bandeirantes, e com Antonio Celso, no rádio, quando Jacob deu passos importantes no sentido de dividir a cidadania intelectual com a sociedade em busca da "causa justa".

Segundo a psicóloga Sandra Magalhães, esta antologia recolhe alguns dos textos e momentos em que a concepção de mundo e de vida do autor influenciou a visão jurídica no Brasil, esmerando-se na montagem da teia sofisticada entre teoria e ação. A fronteira é pátria de Goldberg, a esquina, a peregrinação. A errância do judeu se traduziu na sua biografia num compromisso com o "causo". Aliás, ele acredita que a fabulação de Scheerazade é uma chave do enigma ético e estético, que alimenta e atormenta a sua vida. Ouvir e falar, ler e escrever. Para não morrer, mergulhou neste oceano borgeano, como psicanalista, advogado e escritor. Maria, a moça negra bendita, que o fazia dormir na insônia das esperas, contava e contava seus "causos" de feitiçaria. Sua prosa, poesia, ensaio, ou discurso são sempre o desfiar infinito que começa no Sinai, atravessa o Morro do Cristo, em Juiz de Fora, e, placidamente, repousa num travesseiro enxuto.



DO RNELAS

Jacob Pinheiro Goldberg 'observado' por Murilo Mendes, no Museu de Arte Murilo Mendes, da UFJF

Unidade entre pensamento e ação

Qualquer pesquisa sobre seu trabalho intelectual implica a tarefa e o desafio de garimpar numa atividade intensa uma obra que se reproduz, permeabilizando sua formação cosmopolita, enquanto pensador e homem de ação. Entre os estudiosos que apontaram este fato destacam-se Marília Librandi Rocha (Universidade de Stanford – tese de doutoramento na USP – «Parábola e ponto de fuga») e o professor Henryk Siwierski (Universidade de Brasília, tradutor de seu livro «Mágica do exílio» para o polonês: «Magya Wignania»).

O organizador da edição, pelo viés jurídico, recolheu e selecionou material que revela uma contribuição única de intercurso na subjetividade e ativismo no Direito brasileiro. Dispensada a ordem cronológica ou temática, a intenção é de que o leitor monte seu próprio mosaico. Com isso, Flavio Goldberg quis que o leitor percorresse a trajetória de Jacob sem o compromisso com o passar do tempo, mas com a importância das teses abraçadas e defendidas pelo advogado, psicólogo e muito mais.

A primeira atuação de Jacob Goldberg como advogado o coloca em discussão pública com um juiz de Direito sobre despejo de evangélicos no bairro do Brooklin, em São Paulo, por terem sido considerados "fanáticos cristãos". Foi na mesa de cozinha de sua mãe, numa antiga máquina "Remington", que redigiu a petição que acabou provocando um amplo debate na opinião pública. Estava dada a largada. A inusitada cobertura jornalística marcou o caso. Daí pra frente, a ação destemida e inquieta de Goldberg permeou vários campos do pensamento e uma diligente pesquisa possibilitou que o livro refletisse a intensidade de uma trajetória impregnada de determinação.

O resultado obtido por Flavio Goldberg é um autêntico "romance de formação" libertário fazendo paralelo com Foucault (entrevista de Jacob Pinheiro Goldberg ao programa «Saia Justa» sobre a loucura), em estudo sobre «O Terceiro Excluído, a madrasta – a morte da filha», revista «Sax» e em denúncias da tortura policial, num criativo viés do Direito. No auge da crise de saúde de Tancredo Neves, pouco antes da morte, Jacob Goldberg cobrou uma melhor comunicação com o poder e denunciou a farsa midiática com tamanha veemência que mereceu crônica posterior de Sérgio Dávila, na Folha de S. Paulo, intitulada «O dono do divã». A partir daí, ele lançou vários livros sobre o tema, com destaque para «Monólogo a Dois» (Centro de Estudos da Mentalidade, 2002) e «Cultura da Agressividade» (Landy, 2004).

Flavio Goldberg assume que tentou percorrer os rastros de seu pai e os caminhos que se iniciaram em Juiz de Fora, fizeram estações e chegam ao dia a dia de São Paulo, onde Jacob Goldberg mantém um concorrido consultório e intensa atividade. A tarefa de sintetizar uma trajetória tão ampla e diversificada não foi fácil. Foi preciso paciência, esforço meticuloso e uma lupa para garimpar as principais pedras num veio tão rico e com tantas vertentes.

DORNELAS

Idéias sempre inovadoras

Na apresentação do livro, o vice-presidente da República, Michel Temer, assegura ter conhecido Jacob Pinheiro Goldberg durante um Congresso do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional nos idos de 1980, em Belo Horizonte. Depois manteve muitos contatos quando ocupou, pela primeira vez, o cargo de secretário de Segurança Pública no Estado de São Paulo: "Interessei-me pelas suas ideias e interessei-me pela sua formação, já que era capaz de formular extraordinário raciocínio lógico em todas as suas observações. Soube, então, que era advogado com robusta formação jurídica. E que se formara em psicologia, realizando também o curso de assistência social".

Segundo Temer, "tão eclético e vasto conhecimento fizeram com que conseguisse expor com clareza e convicção as suas ideias. Sempre inovadoras. Fruto do somatório de seus conhecimentos nas mais variadas áreas. Encontrei-o várias vezes. Conversamos muito. O que mais me chamava a atenção era a sua sensibilidade para os problemas sociais e a paciente análise das questões pessoais. Achava até que, nele, preponderava o psicólogo".

O vice-presidente do Brasil, afirma que, hoje, quando Jacob Goldberg lança um livro com seus escritos em jornais e revistas e as várias entrevistas e conferências que deu, percebe-se que ele não reservou para conversas individuais as suas idéias: "Pregou-as. E quem prega, lembra Vieira, espalha sementes. Que frutificam. Que não devem ficar apenas para si ou para poucos, mas disseminadas para muitos. É o que faz este trabalho de Jacob Goldberg. Pautados pela ideia de justiça social e de crescimento individual, servirão a todos os leitores que tenham tais preocupações. Revelam a faceta do intelectual que se dedica a causas especiais".

Já o procurador de Justiça, professor de Direito Penal e deputado estadual por São Paulo, Fernando Capez, argumenta em seu texto no livro que Jacob Goldberg dedicou sua trajetória ao crescimento do ser humano: "Jurista comprometido com a pesquisa e o estudo do Direito, que, através de uma atitude altruísta, traz uma seleção de suas obras organizadas por seu discípulo e filho Flavio Goldberg, que vem abrilhantar e complementar o ramo do Direito, o autor é um singular cientista do Direito, ousado e corajoso, pois penetra em temas delicados da sociedade atual, sendo de indiscutível importância, tornando-se referência na matéria".

Para Capez, "trata-se de obra baseada em suas conferências, artigos e teses apresentadas no Brasil e fora dele, que abraça questões de Direito, com destaque para a psicologia do sentenciado, o crime e o jovem, a violência urbana, entre outras abordagens não menos importantes, de grande serventia para todos os operadores do Direito, bem como psicólogos, assistentes sociais e todos os que se interessam pelas questões humanas como um todo, ou que necessitam de informações precisas acerca do tema".

Na opinião do presidente da Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil, em Juiz de Foram, Wagner Parrot, "Flavio Goldberg colheu, com sensibilidade e cultura, na vasta obra intelectual de seu pai os filamentos jurídicos e com isso presta um serviço inestimável ao estudo do terreno comum da psicologia e da advocacia".

No livro, uma entrevista intitulada, «O divã na periferia», pode servir como uma pista para lançar o foco sobre questões pertinentes ao campo da psicanálise, quando Goldberg defendeu a ideia de se "levar o divã" às regiões periféricas das grandes cidades, através da igreja, dos sindicatos e das associações de bairro. A jornalista Sônia Regina Nabarrete salientava, no início da entrevista, que "o Brasil precisa deitar no divã e falar de suas angústias. Mas como conseguir isso se a psicoterapia seria um privilégio de classes abastadas e grande parte da população ganhava salário mínimo? (...)". Esta entrevista foi crucial, pois inseria na ordem do dia a questão, que se aprofundaria posteriormente, entre a perspectiva individualista e coletivista da psicanálise.

Um escritor na fronteira

Para que se entenda a complexidade da trajetória de Jacob Goldberg é preciso buscar referências em sua diversificada obra. Nas poesias de "Rua Halfeld, Ostroviec", fruto de um mergulho do autor na infância e na adolescência vividas na pioneira e industrial Juiz de Fora, em Minas Gerais, além de um resgate das lembranças familiares no mapa da Polônia, o escritor vislumbrou o nome da cidade da infância e da juventude de seus pais, a pequena Ostroviec. E Juiz de Fora, cidade natal de Jacob, é uma cidade mineira que tem como marca a industrialização na virada do século XIX para o XX e no início do XX, além de ter acolhido muitos imigrantes. A memória de Juiz de Fora, e da Rua Halfeld, no coração da cidade, permeia diversos escritos de Goldberg, que revela: "Na infância, viajei dezenas de vezes nos trens da Central do Brasil, entre minha cidade natal e São Paulo, a fim de visitar meus avós maternos... voltava saudoso da garoa, talvez ensaio para o fog". O apito do trem foi o musical que acompanhou a saga do menino apelidado, Esquina, no percurso entre Minas e São Paulo. Goldberg, Affonso Romano de Sant'Anna e Itamar Franco, entre tantos outros juizforanos, de nascimento ou adotados, estudaram no tradicional colégio metodista Granbery, uma referência educacional em Minas Gerais. O ar de mistério que certas cidades capturam, como Juiz de Fora, segundo o escritor, remete ao absurdo que habita as almas e, sem lógica, exaspera e exige. Assim, o berço de Pedro Nava, Murilo Mendes, Rubem Fonseca e Fernando Gabeira, abriu caminho e/ou acolheu uma geração de novos e consagrados escritores (e poetas) – entre os quais, Luiz Ruffato, Iacyr Anderson Freitas, Edimilson de Almeida Pereira, Fernando Fiorese, Júlio Polidoro, José Santos, Eustáquio Gorgone, Fabrício Marques, Prisca Agustoni, Ronald Polito, Júlio Castañon Guimarães, Knorr, Ricardo Rizzo e os saudosos Sérgio Klein e José Henrique da Cruz –, que vêm inserindo seus nomes e suas obras na constelação literária mineira e brasileira.

Escrever, para Jacob Goldberg, é o exercício balanceado entre a onipotência do criador e a impotência da fragilidade do ser. E, assim, a simbiose entre o irreal, a ficção e o acontecido é a maternidade no devir. Através do latim, aprendido no curso clássico e transformado em afinidade eletiva, o autor se sente um português exilado aqui e um brasileiro exilado acolá, e revela: "Na verdade, através do imaginário e do simbólico, somos o mesmo autor da mesma saga. Um monólogo a dois. As Gerais de Guimarães Rosa se ancoram no Porto".

Neste novo livro, **«O Direito no divã»**, Jacob Goldberg transita na fronteira entre o Direito e a Psicologia, mas o viés do olhar poético está lá, e instiga o leitor a mergulhar numa nova perspectiva de abordagem, sem preconceitos e com pleno sentido de liberdade.

NOTA

O livro «O Direito no divã» foi recentemente indicado, na categoria Direito, entre os finalista para disputar o Prêmio Jabuti 2012, promovido pela Câmara Brasileira do Livro.

António J. Oliveira
doutor em Ciências da Literatura

O Riso de Porcelana

Às vezes as lembranças atropelam os desejos intermitentes e, depois, não é possível hesitar. Mas quando o desejo hesita, estremecem ao pé de nós, as nossas recordações mais rebeldes que vivem no desejar. Era assim que Patrícia gostava de acordar: o sonho a transbordar o desejo e o tempo entalado com um nome que deixou o seu travesseiro molhado de recordações proibidas.

Estendeu a mão direita até à gaveta da mesinha de cabeceira e tirou de lá o amuleto que o pai lhe dera no seu sexto aniversário. Desprezava a luz do candeeiro porque queria perscrutar o outro lado do céu. Ao acariciar o amuleto, sentia-se que trazia o mundo na sua mão. Por isso, aconchegou o punho, agora mais apertado entre os seus dois seios quentes, de tanta ansiedade, para ouvir a voz porosa do pai:

- As crianças não sentem o peso das palavras.

E talvez fosse verdade. O peso das palavras! Como se pesa uma palavra? (Na boca dos adultos as palavras são sempre diferentes). Nunca tinha aprendido na escola a pesar palavras. Na escola, as crianças só aprendem a catalogar as palavras à beira das imagens. Uma palavra, uma imagem, outra palavra, outra imagem. Nesta idade, ainda não se sente o peso da palavra. E Patrícia não entendia como se podia pesar uma palavra, se elas não têm peso. Um quilo de chumbo não era igual a um quilo de algodão doce ou um quilo de pipocas? Por isso mesmo, uma palavra deveria pesar tanto como outra palavra. A questão não deveria estar no volume ou na dimensão da palavra.

Agora, dez anos depois de o pai sair de casa, ela entende, fugazmente, as palavras do pai e, aos poucos, vai tomando consciência de que o peso das palavras está no seu volume, na sua consistência, no seu sabor. Agora, sentia uma a uma as palavras que o pai lhe deixara como herança: o sabor amargo, a estridência acidulada no coração, o aroma a enxofre, como se ela tivesse ficado no inferno, a rudeza que lhe arranha o corpo todo. Sim, porque poucas vezes lhe ouvira o silêncio das palavras que apaziguam. Nunca tivera um pai a quem pudesse amar com respeito. A palavra pai, para Patrícia, era, agora, o silêncio absolutamente absurdo. Um silêncio tumescente e vulcânico.

Apesar da sua maturidade avançada, não entendia a diferença entre pais biológicos e pais adotivos. Afinal, na catequese ensinaram-lhe a dizer «Pai Nosso» e «Santa Maria mãe de Deus», por isso ficava muito confusa, quando lhe falavam em pai biológico e pai adotivo. O mistério da Santíssima Trindade (e de uma família ideal) aumentava ainda mais, quando, na Sagrada Família que a avó Idalina trazia para casa, uma vez por mês, ela só encontrava três figurinhas dentro do nicho. Ficava sem saber se os pais do menino Jesus eram pais adotivos ou biológicos. No seu entender, S. José deveria ser um pai adotivo, já que Jesus foi gerado pelo Espírito Santo e José nunca tinha amado Maria para conceber um filho que pertencesse aos dois.

- Ó avó, o S. José era o pai adotivo de Jesus, não era?

- Ó rapariga, deixa-te de dizer disparates! E não te esqueças que, logo à noite, temos de pedir a Jesus que proteja todas as famílias e que as una, ainda mais, neste mundo tão tresmalhado.

De repente um SMS da Sofia abriu-lhe os olhos à realidade, lembrando-lhe que competia, a ela, trazer o bolo, cujo dinheiro da venda revertia para a viagem de finalistas. Desenrolou o cobertor para trás e enrolou-

se na humidade da manhã atinando mecanicamente com o quarto de banho, onde, com gestos tão habituais e ainda adormecidos, fez a sua toilette feminina. Na cozinha, a avó e a mãe já arrumavam a louça do pequeno almoço. Patrícia sentou-se e comeu os seus cereais como uma obrigação tributária. Enquanto lidava com as arrumações na cozinha, a mãe espiava o respirar da filha. Sabia que, depois do pai ter abandonado a casa, Patrícia revestia-se inocuamente da ausência do pai, agora cada vez mais presente na sua adolescência. Coitada da mãe! Ficou muito cedo só com três filhos nos braços, sem ajuda de ninguém e sem meios para lhes poder dar uma vida mais confortável ou, pelo menos, mais sustentável, perante o maniqueísmo do mundo. Custava-lhe muito vê-los assim, abandonados pelo pai, eles que não pediram para nascer! Ela, até se compreendia! Tinha dito que sim, perante o altar, por isso assumia a sua decisão. Mas os filhos não pediram a vida a ninguém! Por isso, lutou por eles, não como uma loba, apenas como uma mãe que protege as suas crias, abdicando, por vezes, de muito, para lhes dar o suficiente perante a boca do mundo. Dava-lhes, sobretudo, o amor de sobra porque não queria que os filhos se sentissem restos de uma libido, que o pai deixara no mundo. Como Patrícia era a mais nova, teve de lhe dar uma atenção especial, em particular nas palavras que lhe dirigia, quando esta lhe perguntava pelo pai. Afinal, como é que se explica a uma criança a ausência do pai ou as lágrimas de uma mãe desesperada ao saber que não tem rumo a dar aos filhos? Os adultos são estranhos, por vezes. Descobrem sempre problemas, onde eles não existem e, com a correria do dia a dia, deixam de ter tempo para mostrar a alguém, que lhes quer muito, o quão eles são especiais! Se calhar, pensam que já o disseram tantas vezes, que deixou de ser necessário dizê-lo. Mas é preciso repetir as palavras que dão centelha às estrelas, porque cada idade pesa as palavras com uma medida diferente. Patrícia lembrara-se de, um dia, na escola primária, a professora ter lido um livro que dizia mais ou menos isso: os adultos não percebem nada. É preciso explicar-lhes tudo! Ainda bem que a avó ajudava... A avó, com a voz enrugada de experiência, lá lhe dizia o que achava mais correto.

- Minha querida filha, às vezes só quem preenche os nossos dias, preenche também a nossa carência! Habituamo-nos, que queres?! Olha, o teu avô morreu cedo e eu tive de criar a tua mãe e os teus tios. Sozinha! Quando a vida nos provoca, nós respondemos com outra provocação: mantermo-nos fortes para nunca nos deixarmos morrer ao lado do amor.

Outras vezes, a voz da avó era límpida e inocente como a adolescência:

- Ó rapariga, que são esses fios aí à volta do pescoço?

Fazia-lhe uma certa impressão aqueles trapicalhos suspensos de um lado e do outro do rosto da neta, a entupir-lhe os ouvidos.

- Ó avó, são os meus fones. É para ouvir música sem incomodar ninguém.

A avó não entendia esta coisa egoísta de não partilhar a felicidade com os outros. No seu tempo, a música tocava na rádio. E quando tocava, era para todos. Mas, para Patrícia, essa desculpa não passava de um eufemismo, pois, para ela, os fones eram o seu cordão umbilical, que ligava os decibéis do seu mundo aos ruídos do mundo, que ela conhecia. Sempre que podia, procurava a música do coração, que não encontrava nos homens.

Mal entrou no autocarro, que a levava para a escola, Patrícia escolheu um lugar igual a todos os outros, sem, todavia, reparar no passageiro do lado, ausente dos movimentos e da algazarra dos colegas da escola. Aliás, a viagem até à escola nada significava para ela. Este intervalo entre a casa e a escola era apenas um túnel cheio de graffitis nas paredes sujas de gordura. Trazia a Gioconda no olhar que não conhecia, e percorria a distância que medeia entre a escola e a casa, como quem transpõe a belida, que separa a noite e o dia. Até quando chorava, ela sorria com olhos abafados. Até quando tudo corria mal na sua vida, já acostumada de adolescente sem pai, ela era capaz de sorrir. Todavia, por vezes, quando se ria, o seu riso quebrava-se, desfazendo-se em cacos estridentes de porcelana. O seu timbre era um jarro de felicidades. No seu inconsciente de criatura ferida, ela não sabia que o pai, ao partir, tinha partido, também, o seu riso de porcelana.

- Tens um cigarro? Perguntou ela a Sofia, que a esperava no portão da escola. Deixei os meus em casa.

Enquanto aguardavam o toque de entrada, sentaram-se as duas de costas para as grades da escola e fumaram inalteradamente a clorofila do cigarro utópico, mesmo se a utopia era um preconceito dos adultos.

- Sabes, Sofia, este fim de semana, podias vir a minha casa para adiantarmos o trabalho de grupo para a aula de português.

Sofia não podia. Era a semana do seu pai. Ele vinha buscá-la no sábado para passarem juntos o fim de semana em Vila Praia de Âncora, onde o pai vivia com outra mulher. Patrícia lembrou-se, então, de que nunca tinha tido essa sorte de voltar a ver o pai, embora ele lhe tivesse prometido vir visitá-la. Era verdade. Não tinha tido um pai ambulante, que abandona os filhos e, depois, vem visitá-los, tentando roubar um pouco de amor à mãe, oferecendo-lhes, em troca, uma ida ao McDonald ou ao Burger King ludibriando a ingenuidade das crianças (por tempo limitado), servindo-lhes o amor de pai num prato de fast-food: um hamburger ou ainda um chicken-mcnuggets (ou porque não um chicken lovers) e, para concluir, um happy meal, como sobremesa, com um brinde cheio de afetos embrulhados lá dentro. Enfim, um marketing cheio de ternura e de carinho. Só que, depois, a fuligem da ilusão dilui-se, e fica, para o resto da vida, a acidez do logro desonesto.

Naquela idade, a criança não sabe dar o valor às palavras, mas, mais tarde, vai ficar a saber que quem dá o pão dá também a criação.

Um dia, Patrícia chegou à sala de aula com a revolta pela mão e a irreverência na mochila. Trazia no céu da boca uma ferida que dói, mas ninguém sente, e entregou ao professor aquilo que ela chamava poema. Um texto, escrito na véspera, cheio de emoções desalinhadas, que acabava assim:

- A minha avó morreu, e eu tinha tanto para lhe contar!

Desenho por José Rodrigues

Sofia Lourenço
professora universitária e pianista

Fazer da cultura prazer

Conheço há bastantes anos o autor Manuel Dias da Fonseca, como personalidade de cultura, programador e melómano, e também como amigo. Enquanto pianista, tive oportunidade de ser convidada para participar alguns dos inúmeros concertos que ele organizou, quer a solo (com as Sonatas Inglesas de J. Haydn e uma obra de Fernando Lopes-Graça, João Pedro Oliveira) quer em música de câmara com solistas como Carlos Alves (clarinete) e Francisco Ferreira (saxofone). Estes concertos intercalavam-se com várias conversas e acesas discussões sobre música, intérpretes, obras de referência, outras menos conhecidas, mas, e sobretudo, sobre Música e Músicos Portugueses, que o Manuel conhece e divulga como ninguém. Alguns fins de tarde a ouvir música para piano e partes da Elektra de Richard Strauss na rua Álvaro Castelões em casa do Manuel, ou, em alternância perante uns famosos filetes de polvo, que só ele conhece e muito recomenda.

Conforme se pode ler na excelente entrevista de Manuela Espírito Santo que se publica hoje, a partir dos anos 80, Manuel Dias da Fonseca apoiado pelo então presidente da Câmara, Narciso Miranda, e mais tarde pelo atual, Guilherme Pinto (que prefacia também a Obra Poética), encetou uma cruzada de divulgação de música e músicos portugueses, então votados ao esquecimento (ou quase total esquecimento) dos palcos e editoras discográficas. Manuel Dias da Fonseca, cronista, jornalista, e professor, norteia toda a sua vida pelo gosto pela viagem, seja ela física (e cito "Eu fui para os Açores porque queria fazer uma viagem de barco" diz ele na p. 38 da Entrevista por Manuela Espírito Santo), ou o gosto pela viagem onírica (e cito "As viagens eram feitas em função da Música", na p. 55).

Mas comecemos pela parte da Obra Poética. Sobre a sua própria escrita diz o Manuel, e cito:

Gosto muito de escrever. Tenho prazer. Não é um parto. Não é que escreva muito, (...) mas gosto do que faço. Gosto de fazer, rever uma vez, e outra e outra, expurgar, limpar até sentir que está bem. É isto que quero.

Neste volume que se divide em 4 partes, *Solidão Povoada, A Noite, o dia, um rio, Talvez Origem e ainda, Poemas Dispersos*, o volume com a imagem gráfica de grande qualidade a que o editor Cruz Santos (e o designer editorial Rui Mendonça), nos habituaram, apresenta-se com um retrato na capa de Manuel Dias da Fonseca, por Augusto Gomes. Logo de seguida nas páginas seguintes, reproduções de uma série de desenhos e pinturas de autores portugueses da eleição de Manuel Dias da Fonseca, começando com a *Playlist* de Álvaro Siza logo na pág. 3, seguindo-se pinturas de Ângelo de Sousa, Armando Alves, Augusto Gomes, Jorge Pinheiro, José Rodrigues, Júlio Resende.

A 1.ª parte, Solidão Povoada, inicia-se com o poema *Partirei. Mesmo sozinho/ irei à procura da árvore marítima/que me pertence.*

Há uma melodia escondida não sei onde/que eu ignoro mas conheço.

O segundo poema desta parte inaugura a centralidade do leitmotiv da Música nos poemas de Manuel Dias da Fonseca hoje aqui publicados. Com o título, *Prelúdio sobre um Tema de Ravel*, utiliza a forma musical "prelúdio" e o autor francês da sua predileção, Maurice Ravel, para que o sujeito poético possa evocar e dirigir a um quase omnipresente interlocutor: *Um navio dorme docemente no teu corpo/como uma folha*. Ou ainda em Último apelo, *Sejamos evidentes, meu amor. Não se pode esconder uma estrela.*

O cânone musical do discurso, foca-se continuadamente na temática do amor, com muitos referentes não só da Música mas também da Natureza:

POEMA PARA UMA NUVEM
Azul – é a cor do vento,
É a cor dos teus olhos negros,
É a cor do que é distante.

Ou ainda no inédito que conclui o livro, escrito na Ilha Terceira, nos Açores em 1956:

Ilha
Aqui
-as folhas descem para o Mar.

E continua a evocar o seu universo de sonho e de viagem,

E assim aconteceu o primeiro beijo, longo, trémulo, perdido.
Recordo os mesmos livros abertos, os mesmos versos mordidos,
Debussy, Ravel, o mundo novo onde o meu corpo masculino existia.
Um mundo de razão e loucura, de mortos ressuscitados,
Onde as serpentes seduzem os pássaros para os beijar.

A referência a Debussy, compositor do impressionismo musical e do séc. XX, é recorrente, como por exemplo a ópera Pelléas et Mélisande, uma espécie de manifesto do pensamento artístico de Claude Debussy (1862-1918) e, por extensão, também do expressionismo musical.

Desta vez é um, e cito, POEMA PARA MÉLISANDE

Raiz de orvalho e
natureza primaveril,
próxima da morte.
Uma rosa branca
ou a tua boca.
A primavera
ou a tua voz.
Oh, bruma
entre os pinheiros matinais!

O autor incluiu ainda poemas que glosam outras Artes, como é o caso da pintura, com Picasso, e do cinema, com Fellini. E passo a citar o poema PICASSO ABRIL 73, *Pablo, Paulo, Pablo, meu velho touro de colhões perpetuamente incendiados*, fim de citação.

Num longo poema sobre a arte da pintura, também da perspetiva do interlocutor do sujeito poético, diz-nos o seguinte:

- rios desenhados pelo tempo/
Denunciadores
do verão que floresce no teu rosto/
fornicador inconstante
desejado pela cores
tu
que pintavas o sonho com esperma.

E em PARA FELLINI,

O teu nome evoca outro Frederico
torrencial e Moreno,
mas é de ti que me aproximo
como Electra de Orestes (...)

A última parte da OBRA POÉTICA de Manuel Dias da Fonseca, *Poemas Dispersos*, incluiu 4 poemas dedicados e dois inéditos. O primeiro, POEMA IMITADO de PABLO NERUDA, dedicado a Eugénio de Andrade, diz-nos o seguinte:

Verdes os cabelos da aurora.
Uma montanha corria para mim,
Alada como um rio.
Comia espigas de água
E cerejas com folhas de silêncio.
Era verde o tempo. (...)
E se falo no tempo em que ser criança
É ser o sol,
É porque sou um homem.
Um homem igual aos outros homens.
Um homem que ama a vida maternalmente.

Segue-se a MÃE DOLOROSA, para a Ana Maria que assistiu o Eugénio até ao último dia, o REQUIEM PARA O ANTÓNIO, A PLANTA E A FLOR para José da Cruz Santos e ILHA (estes últimos dois inéditos).

Todos eles escritos com a intensidade das emoções que o autor nutre pelos dedicatários, veja-se a revolta e o inconformismo vertidos neste poema, já publicado em 2007, no livro ANTÓNIO ROCHA MELO – O MÉDICO, O HOMEM, O AMIGO

(...) ouço os sinos na paisagem e amanhece/
para que servem os deuses? Essa tropa ignóbil/
que contempla o sofrimento e a angústia.
Voltemos a face para ignorá-los.
Pois
Sem qualquer dúvida
Não gostam de música. (...)
Fiquemos por aqui, amigo para a eternidade.

Seguimos agora para o 2.º andamento da Obra que hoje é lançada: MANUEL DIAS DA FONSECA, UMA ENTREVISTA COM O POETA por MANUELA ESPÍRITO SANTO com prefácio de GUILHERME PINTO.

Conforme o Dr. Guilherme Pinto muito bem refere no seu prefácio, *quem o conhece (ao Manuel) rapidamente constata o deslumbramento pela miríade de personagens que admira, particularmente os muitos compositores, pintores, escritores com quem conviveu, de quem sorveu as obras, onde se inspirou como poeta. Conheceu-o a marcar os destinos da cultura, em particular na sua terra natal. Humilde mas determinado, Manuel Dias da Fonseca, nunca deixou nada a meio.*

Esta interessante e variada entrevista, que e no dizer da autora Manuela Espírito Santo, se justificava plenamente porque "tinha uma curiosidade genuína pelo homem (...)", que culminou numa viagem partilhada, e cito a própria Manuela:

"E assim, nesta folhagem cúmplice, falámos de tudo, sem filtros."

E segue-se o diálogo explanado em 132 páginas, as quais incluem diversas fotografias com grandes personalidades com quem conviveu: Eugénio de Andrade (1952), Augusto Gomes, João Guedes, Maria Estela Guedes, António Rocha Melo, um retrato de família, uma fotografia autografada por Pierre Boulez de Setembro de 1960, diversas reproduções de postais manuscritos de Eugénio de Andrade, D. Ofélia Diogo Costa, Sandro Materassi, Luigi Dallapiccola na Estação de S. Bento em 1960, outra fotografia autografada do musicólogo René Leibowitz.

Toda a entrevista acontece num discurso corrido, sem partes ou temáticas estanques, e com marcas de oralidade bem assinaladas e transcritas do nosso amigo Manuel, como por exemplo, na pág. 91:

Sobre o General Humberto Delgado diz a certa altura e cito *Foi um homem que pagou com a vida. Mais ninguém morreu. Foi ele. Isso dá-lhe logo um respeito muito grande. Pode ser que ele não fosse muito comedido e assim, mas era uma alegria, lembra-se que ninguém se atreveu a dizer que se fosse eleito Presidente da República "obviamente demito-o". Ó pá: ele incendiou o país.*

E muitas outras, sobretudo na adjetivação das coisas de que ele gosta muito, como a propósito do romance «Guerra e Paz» de Tolstoi, e cito *É o livro. Se só pudesse ter um livro era esse que eu teria. É um livro que, dizer que é fabuloso não diz nada, entre outros muitos exemplos. O amor de perdição um romance extraordinário (p. 115), os Maias um livro notabilíssimo (p. 115); em Amsterdão tinha sido inaugurado o museu Van Gogh, um museu de arte moderna, com coisas do Matisse, fantástico. Era um museu fantástico. (p. 87).* E por aí fora, denotando a sua capacidade de encantamento com a Arte, com tudo o que lhe dizia realmente muito. Foi uma coisa sublime. Sublime talvez não seja o adjetivo... foi soberbo, foi muito bom (a propósito de um concerto do Festival de Edinburgo p. 58).

Anoto aqui algumas referências desta Entrevista, com a certeza, porém, de que o leitor poderá usufruir depois da entrevista completa. E as principais temáticas são:

1. História da família de origem de Manuel Dias da Fonseca em Matosinhos.
2. Como ele próprio diz a certa altura: *Sobre a figura central da minha vida: a minha mãe* (p. 77).
3. Sobre as muitas viagens que protagoniza a solo, ou a 4 mãos, com a Mãe, D. Ritinha, a Paris. E sobretudo com Eugénio de Andrade, também a Paris, e cito: *Eu gostava muito de viajar com o Eugénio porque era muito bom, porque o nosso "cheiro" era o mesmo para ir aqui, acolá e passávamos às vezes tardes num cafezinho a ler livros.* (p. 94)
4. Na verdade, o tema principal, o leitmotiv desta entrevista é "As viagens eram feitas em função da Música" na p. 55. E assim, temos descrições personalizadas das interpretações ao vivo que o Manuel vivenciou em Festivais Internacionais de Música, como o Festival de Bayreuth em 1967 na bávara alemã (onde ouve o Parsifal de Richard Wagner, juntando-se ao compositor Jorge Peixinho) ao Festival de Edinburgo em 1967 (onde escuta a Orquestra Sinfónica de Chicago dirigida pelo mítico Carlo Maria Guilini), o Festival Internacional de Música de Salzburgo, etc. Ouviu aqui grandes maestros como Herbert von Karajan.
5. Conheceu, ouviu e conviveu, com grandes compositores e músicos portugueses, como Guilhermina Suggia (p. 21), Madalena Sá e Costa, Helena Sá e Costa (a quem entrevistou na Gazeta Musical, em 1986), o compositor Óscar da Silva (que fazia a barba na Brito Capelo).
6. Grandes Músicos e Intérpretes internacionalmente consagrados, como Pierre Boulez (com quem se correspondeu), Herbert von Karajan o lendário maestro alemão da Filarmónica de Berlim, que dirigiu As Bodas de Fígaro de Mozart, o Otelo de Verdi, o Wozzeck de Alban Berg. A soprano Teresa Berganza, Mirela Freni, o maestro André Previn, o maestro Karl Böhm, também com o Wozzeck em Salzburgo. E mais a Christa Ludwig, a cantar *Das Lied von der Erde* de G. Mahler, orquestra filarmónica de Berlim e mais uma vez Karajan na direção de orquestra. Na ópera de Viena, Fidélio de Beethoven, Salomé de Richard Strauss *Magnífico*. p. 60 (exclama o Manuel, para variar). Em Veneza, sempre em companhia do José Manuel, recital 1 para cathy, dirigido por Luciano Berio, no Festival de Música Contemporânea.

Assistiu em 1980 ao vivo à famosa encenação de Chereau do Anel do Nibelungo de Richard Wagner dirigido por Pierre Boulez.

7. Grandes escritores como Eugénio de Andrade, Egito Gonçalves, o Dr. Eduardo Campelo e cito *que era um homem fantástico. Com ele comecei a aprender, sobretudo, literatura.* Em Coimbra contacta com Egídio Namorado, Miguel Torga, Eduardo Lourenço, Óscar Lopes, o amigo dele, o Eng.º Atanagildo, e a Maria Helena, mulher de Óscar Lopes, os primeiros a ir ouvir música a casa do Manuel. Conheceu José Régio, quando deu aulas em Portalegre, com quem via cinema no cineclube da cidade. E ainda Agustina Bessa-Luís, Natália Correia, Luísa Dacosta, Marguerite Yourcenar, entre outros.
8. Obra feita

Manuel Dias da Fonseca diz-nos a certa altura "houve coisas bonitas nos anos em que estive como vereador da cultura". p. 100. *Mas também estive com os jardins, foi muito bom. Abri o Pelouro da Cultura da Câmara às instituições. Conta-nos ainda. Tínhamos sempre o salão nobre cheio. Mas naquela altura não havia mesmo nada. Era só a Câmara de Matosinhos. E depois fizemos uma coisa muito importante: levámos muita música portuguesa.*

Das suas memórias da infância, diz Manuel nesta mesma entrevista

Nós morávamos em Serpa Pinto, depois eu vendi essa casa que me calhou em partilhas. O meu pai, a certa altura, comprou um rádio e eu ouvia concertos de música de câmara. (...) às vezes até adormecia a ouvir.

A música vem desde sempre, e assim sendo, diz-nos também, e cito:

Não. Não sinto solidão. Tenho a música que é a grande companheira da minha vida e isso tira-me muita solidão. E ler, também me ajuda.

Continua assim, Manuel. Continua, e como escreveu outro nosso grande amigo:

E deixo-te as rosas.

Boa noite. Eu vou com as aves

NOTA

Texto lido por ocasião do lançamento das obras «Manuel Dias da Fonseca – Obra Poética» e «Manuel Dias da Fonseca – Entrevista Com o Poeta por Manuela Espírito Santo», no Teatro Constantino Nery, Matosinhos, a 1 de Outubro de 2012. As obras são uma edição da MODODELER.

«O Homem Que Trazia Instruções»

Este é o terceiro livro de contos de Beatriz Pacheco Pereira, depois do livro de estreia, «As Fabulosas Histórias Dela» e, uns anos mais tarde, de «O Amor Absurdo». Helder Pacheco diz que nos seus livros encontra sempre "uma subtil reflexão sobre as humanas paixões, defeitos, contradições, ambições, grandezas e misérias". E chama a Beatriz Pacheco Pereira "portuense empedernida e nada arrependida". De facto, usando o Porto como cenário (tal acontece também nos seus romances), a autora não se exime nunca a expressar uma visão política, social e artística da cidade, conciliando-a com registos intimistas e de um imaginário de cariz muitas vezes cinematográfico – não fosse ela co-fundadora e directora do Fantasporto.

«O Homem Que Trazia Instruções» apresenta quinze contos na escrita sintética e incisiva que é habitual na escritora. Nele se encontram histórias de artistas, de políticos, de gente comum, de mulheres e homens num ponto de viragem. Mas o que torna este livro singular é que, seguindo uma tradição que durou até ao século XIX, de fazer acompanhar o texto com imagens, este volume é ilustrado pelas cores e traços de 15 artistas portugueses de topo. Assim, as histórias de BPP ganham um carácter e uma tonalidade que as engrandecem, interpretando, através da Arte, os sentimentos das personagens.
Entre os artistas que colaboraram no livro, salienta-se, entre outros, Zulmiro de Carvalho, Paulo Neves, Ludmila, Augusto Canedo, Albuquerque Mendes, Manuela Mendes da Silva, Catarina Machado, Mirene, Helena Leão, João Dorminsky, Júlio Costa, Francisco Laranjo, Otília Santos, Antónia Gomes, Agostinho Santos ou Nazaré Álvares.
Com edição encadernada da Edium Editores, o livro teve apresentação no sábado (24 de Novembro), pelo escritor Pedro Garcia Rosado.

«Ontem e Oje na Economia»

O novo livro de Jack Soifer descreve "em detalhe" o trabalho do autor "em e por Angola, Brasil, China, Suécia e EUA, entre outros, e os seus efeitos secundários no emprego e depois na economia em geral". Com prefácios de Vítor Neto e de António Saraiva, «Ontem e Oje na Economia» é lançado no dia 4 de Dezembro, pelas 18h30, na sede da AIP (junto à antiga FIL), em Lisboa.

Manuel Casimiro pelo CNC

A próxima sessão do Ciclo de Conferências «Figuras da Figura do Porto – das Artes ao Cinema», promovido pelo Centro Nacional de Cultura, Núcleo do Porto, realiza-se no dia 6 de Dezembro, às 21h30, dedicado a Manuel Casimiro – pintura, escultura, fotografia, design e cinema. Com entrada livre, a sessão que terá lugar no Teatro do Campo Alegre, Porto, consistirá na projeção de uma curta-metragem e de debate. Para além do próprio Manuel Casimiro, será orador Bernardo Pinto de Almeida.

«Informação e Civilização»

Amanhã (29 de Novembro), a Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, em Braga, acolhe o lançamento do livro «Informação e Civilização», de J. Ferreira Salgado. A obra editada pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto será apresentada por José Manuel Mendes, às 18h30.

Lançamentos e outros pela Orfeu

O filme português «Tabu» de Miguel Gomes, premiado no Festival de Berlim este ano, terá exibição amanhã (29 de Novembro), na Livraria Orfeu, em Bruxelas, numa organização conjunta da embaixada de Portugal e do Instituto Camões. Em Dezembro, dia 8, às 18 horas, a livraria acolhe a apresentação do livro «Histórias de Monserrate», de Jorge de Oliveira e Sousa, José Lima, Amadeu Lopes Sabino e Paulo Castilho. A 11, o mesmo espaço acolhe a apresentação do livro «Faina Maior, a pesca do bacalhau nos mares da Terra Nova», de Francisco Marques e Ana Maria Lopes, às 18h30, por Fernando José Correia Cardoso. Entretanto, em Portugal, a Livraria Orfeu promove no dia 14, às 21h30, no salão da Junta de Freguesia de Leça da Palmeira, a apresentação do Vol II do «Indiciário Onomástico de Leça da Palmeira e o Rio Leça nas Artes, nas Letras e nas Ciências», de Albano Chaves (texto) e António Mendes (desenhos). O livro, uma edição da Orfeu, será apresentado por A. Cunha e Silva.

«O Céu sobre Berlin»

No próximo dia 30 de Novembro (mês em que se assinala a queda do Muro de Berlim), Danyel Guerra realiza uma apresentação cinéfila do seu livro «O Céu sobre Berlin». A sessão, que terá lugar na Associação Cultural A Cadeira de Van Gogh, no Porto, às 21h30, assinala o início de um ciclo dedicado à obra de Wim Wenders, um dos autores mais importantes do Novo Cinema Alemão, naquele espaço cultural. «O Céu sobre Berlin» pode ser definido como uma coletânea de textos cronísticos e de road stories.

«Lendas do Porto», Vol. 2

Mais duas dezenas de histórias tradicionais da região, não abdicando de uma análise crítica que explica o que nelas é verosímil, mas que valoriza também o que nelas há de credível estão reunidas no segundo volume de «Lendas do Porto», com texto de Joel Cleto e fotografia de Sérgio Jacques. O livro será apesentado no próximo sábado, 1 de Dezembro, pelas 17 horas, no Pátio das Nações do Palácio da Bolsa, pelo presidente da Associação Comercial do Porto, Rui Moreira.

«Poemas para Leonor»

O novo livro de Maria Teresa Horta, «Poemas para Leonor», é apresentado hoje (28 de Novembro), às 18h30, na Livraria Leya na Buchholz, em Lisboa. A sessão decorrerá de uma conversa entre a escritora e Helena Vasconcelos e Vanda Anastácio.

Festival Caminhos do Cinema

«Florbela», de Vicente Alves do Ó, e «A Vingança de Uma Mulher», de Rita Azevedo Gomes, foram os grandes vencedores da XIX edição do festival Caminhos do Cinema Português, com três prémios cada. O primeiro foi galardoado com os prémios de Melhor Actriz (Dalila Carmo), Melhor Caracterização (Abigail Machado) e Melhor Som (Jaime Barros e Elsa Ferreira). Por sua vez, «A Vingança de Uma Mulher» arrecadou os prémios de Melhor Direcção Artística (Pedro Sá), Melhor Fotografia (Acácio de Almeida) e Melhor Guarda-Roupa (produções TCC). O galardão de melhor realizador foi para Pedro Filipe M. com o filme «A nossa forma de vida» e o de Melhor Actor foi atribuído a Cristóvão Campos, em «Nylon da Minha Aldeia», de Possidónio Cachapa. «Assim, Assim», de Sérgio Graciano, obteve o prémio de Melhor Actriz Secundária (Margarida Carpinteiro) e o prémio para a Melhor Banda Sonora (da autoria de André Joaquim). Dinarte Branco ganhou o prémio de Melhor Actor Secundário, no filme «A Moral Conjugal», de Artur Serra Araújo, e o prémio de Melhor Montagem foi para Raphael Lefévre, com a longa-metragem «A última vez que vi Macau», de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata. «Aristides de Sousa Mendes, o Cônsul de Bordéus», de Francisco Manso e João Correa, venceu o Prémio do Público através de votação ao longo do festival.

«A Vida Inútil de José Homem» vence prémio Agustina

Com o romance «A Vida Inútil de José Homem», a psicóloga de 32 anos Marlene Correia Ferraz venceu a 5.ª edição do Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís, por maioria do júri, presidido pelo escritor e ensaísta Vasco Graça Moura. O Prémio foi instituído pela Estoril Sol, no quadro das comemorações do cinquentenário da Empresa. Desta vez, o júri, ao eleger «A Vida Inútil de José Homem», tomou em consideração "uma apreciável desenvoltura narrativa e uma relação criativa com a língua portuguesa". O romance – refere ainda a acta do júri – "evidencia situações dramáticas da memória histórica portuguesa africana, num enquadramento interessante e, em certa medida, original".

Conferência 'Interfaces da Lusofonia'

Joseph D. Straubhaar (Universidade do Texas, em Austin) é um dos oradores convidados da Conferência Internacional 'Interfaces da Lusofonia', organizada pela equipa do projeto de investigação «Narrativas Identitárias e Memória Social: a (Re)construção da Lusofonia em Contextos Interculturais» (CECS/UMinho). O investigador tem uma vasta experiência em temas relacionados com os media na America Latina, tendo sido, entre 2003 e 2006, diretor do Centro de Estudos Brasileiros no Instituto Lozano Long de Estudos Latino Americanos. As suas áreas de maior interesse em investigação e ensino consistem nos media globais, comunicação internacional e teoria cultural, sociedades da informação e a exclusão digital nos Estados Unidos da América e outros países, fluxo da produção de televisão. Joseph Straubhaar é autor de inúmeros artigos científicos e livros sobre a televisão brasileira, inclusão digital, análise comparativa de novas tecnologias televisivas, entre outros temas. Atualmente, é professor de ciências da comunicação no Departamento de Rádio-TV da Universidade do Texas, em Austin, sendo diretor associado do programa do Instituto de Telecomunicações e Política de Informação, na mesma universidade.

A Conferência Internacional "Interfaces da Lusofonia" terá lugar na Universidade do Minho entre os dias 4 e 6 de Julho de 2013, tendo como proposta fundamental pensar a Lusofonia na interseção de olhares, de interpretações e de saberes. Para tal estão previstos 12 painéis temáticos que abrangem desde as relações interpessoais às relações interculturais e internacionais no espaço lusófono.

A Chamada para Comunicações está aberta até 1 de Fevereiro de 2013. Para participar, é necessário enviar um resumo de até 300 palavras para uma comunicação oral ou um poster e uma breve biografia de cerca de 150 palavras para a organização da conferência: nims@ics.uminho.pt. Mais informações através do site da conferência: http://www.lasics.uminho.pt/lusofonia2013 ou pelos contactos: Lilia Abadia (b5847@ics.uminho.pt); +351-253601761.

Curtas premiadas

A 18.ª edição do «Videogranprix 2012», um festival que se realiza anualmente no Principado do Liechtenstein, distinguiu o filme «Estátua» de Carlos Silva e António Costa Valente com o prémio do melhor filme experimental e «Falha do Sistema» de José Miguel Moreira com o prémio do melhor filme profissional. Também o RIOS – Festival internacional de Cinema Documental e Transmedia, que decorreu na UTAD (Universidade de Trás-os Montes e Alto Douro), em Vila Real, atribuiu ao filme «A ria, a água, o homem...» o Prémio Olhares e Enquadramentos. Co-produzidos pelo Cine-Clube de Avanca / Filmógrafo, todos estes filmes são curtas-metragens que, tendo sido exibidas no Festival de Cinema AVANCA, estão a percorrer festivais de cinema de todo o mundo.

19.º Colóquio da Lusofonia

Estão abertas as inscrições para o 19.º Colóquio da Lusofonia, que terá lugar de 15 a 17 de Março 2013 no Auditório do Centro Paroquial da Maia (São Miguel, Açores) integrado nas comemorações de cinco séculos da Maia com o patrocínio da Junta de Freguesia da Maia.

Breve evocação a Carlos Avillez

Comemoram-se 47 anos da criação do Teatro Experimental de Cascais e 24 anos da respectiva Escola. Dela têm saído belíssimos profissionais, ligando a ética e memórias do nosso teatro a uma prática capaz, dotada e séria. Tal como os espectáculos a que desde muito novo o próprio Avillez e o seu TEC nos habituaram, tendo sido, então, não só uma onda de ar fresco, como uma fractura, positiva, no que era hábito fazer por cá. Desse jovem Príncipe, que eu, quase menino, vi brotar como novidade e arrojo, foi nascendo e afirmando-se um Grande Senhor do nosso teatro, quer ali, quer na sua passagem pela Companhia Nacional de Teatro do Dona Maria. Ao escrevê-lo limito-me a ser porta-voz do sentimento de muitos que o conhecem e conhecem a obra. E se esta é do mais alto quilate, também o é humanamente o Carlos Avillez. Importa dizê-lo, também.

Castro Guedes

Raias Poéticas para despoluir fronteiras

ISABEL FERNANDES

Mais de 50 artistas oriundos de Portugal, Brasil, Moçambique, Angola e Espanha reúnem-se em Vila Nova de Famalicão, a partir de sexta-feira, numa iniciativa inédita onde "se tentará saber se há fronteiras nas várias artes, o porquê de existirem e se fazem sentido", como resumiu ao jornal As Artes entre As Letras Jorge Velhote, um dos curadores do evento, juntamente com Luís Filipe Serguilha. Mas estas são apenas algumas das questões que envolverão convidados, organizadores e outros participantes durante dois dias, entre 30 de Novembro e 1 de Dezembro, na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco. Sobre os objectivos do encontro, Luís Filipe Serguilha pormenorizou o que é pretendido: "Potencializar a criatividade artística, o pensamento como experiência, a inter-relacionalidade, as correntezas transfronteiriças das línguas poéticas ibero-afro-americanas. A presença dos poetas, professores, artistas, críticos, escritores dos vários países que constroem, reavivam, transformam as falas da língua portuguesa irão aproximar as diversidades, as geografias, as multiplicidades, as diferenças, os entrecruzamentos estéticos, criando uma ciranda de vozes, expressões singulares".

«Raias-Poéticas: Afluentes Ibero-Afro-Americanos de Arte e Pensamento». Assim chamaram ao evento, onde haverá tempo para várias formas de arte e de debate. A selecção dos convidados recaiu sobre pessoas com capacidades, na certeza de que "qualquer um é igual aos outros com maior ou menor talento e mais ou menos oportunidades". Jorge Velhote insiste dizendo que "não será um caldo, mas uma oportunidade para olhar as diversidades. Mostrar que é possível fazer partilhar num espaço vários talentos". Numa tentativa de "despoluir fronteiras entre as várias áreas das artes" e fazer perceber que "os próprios autores (criadores) não têm que olhar de lado para os diversos talentos", os seus ou os dos outros, mas também "perceber o que aconteceu com a língua, nomeadamente através da arte e da cultura".

Jorge Velhote avançou ainda a ideia da intenção de "institucionalizar este evento, não num formato rígido, mas com a Literatura, através da Poesia, como ponto comum" e sempre com o intuito de "tentar fazer perceber que não há fronteiras na Arte". E está certo que será igualmente vontade da Câmara Municipal de Famalicão, entidade promotora do encontro internacional de pensamento e arte, dar continuidade ao evento, que Luís Filipe Serguilha apelidou de "único, envolvente e inovador". E explicou que o conceito da iniciativa é claro no próprio título, «Raias Poéticas»: "Andar na raia significa andar no limite, estar dentro e fora, é essa ideia que queremos transpor".

Os premiados do Rios

O Grande Prémio do Festival Rios - Douro foi ganho por «Odéon: el tiempo suspendido», de Jo Graell (Espanha). «A ria, a água, o homem», de Manuel Matos Barbosa (Portugal), foi o vencedor da Competição Olhares e Enquadramentos. A Competição Memórias, Gestos e Espaços foi ganha por «Viagem até a casa», de Bárbara Veiga (Portugal), e «El tren de las moscas», de Nieves Prieto e Fernando Lopez Castillo, foi o vencedor da Competição Nadar Contra a Corrente. Foram ainda atribuídas Menções Honrosas a «Camping Wesertal», de Hugo Amoedo (Bélgica) e a «As vilas volantes», de Alexandre Veras (Brasil). Luís Azevedo, Manuel Cardoso e Luís Águas receberam o Prémio Documental Universitário por «Três homens, uma câmara, um rio e um peixe». O Festival Rios - 1.º Festival Internacional de Cinema Documental e Transmedia, promovido pela UTAD, realizou-se entre 15 e 17 de Novembro, na instituição, Vila Real. A primeira edição do Rios teve o Douro como convidado e para a edição de 2013, o convidado será a Ria de Aveiro.

Serões da Bonjóia

Em Dezembro, a Quinta de Bonjóia continua a acolher as 'suas' já habituais tertúlias à moda do Porto. O Ciclo do Envelhecimento Activo tem lugar no dia 6 com «O Papel dos Animais no Envelhecimento», por Sílvia Sousa. Oito dias depois, a 13, é a vez de Joel Cleto, no Ciclo do Património, para a apresentação do livro - «Porto e suas Lendas». A 20 regressa o Ciclo do Envelhecimento Activo – com Liliana Oliveira Ribeiro e Randdy Ferreira a abordarem «O Envelhecimento e a Positividade» –, que se manterá no dia 27, quando será debatido o tema «Educação Emocional para Seniores», por Vítor Fragoso e Martha Chaves. Sempre às 21h15.

FITEI não abre candidaturas

O Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica (FITEI) não abre candidaturas às companhias para a edição de 2013, devido ao adiamento na abertura dos concursos públicos de apoio às artes. No entanto, as companhias poderão manter o FITEI informado das suas produções e criações.

Associação de Filosofia dos Falantes da Língua Portuguesa

MARIA JOSÉ GUEDES

No passado dia 20, o Presidente do Centro Nacional de Cultura, Guilherme de Oliveira Martins, no Palacete dos Viscondes de Balsemão sublinhou a importância do tempo: "é tempo de resistir, é tempo de responder, é tempo de dizer que a cultura portuguesa está viva". Palavras que se destacaram no breve discurso que pontuou a apresentação da Associação de Filosofia dos Falantes da Língua Portuguesa que tem o objectivo de criar novas plataformas de Associação. "Mas não se tratam de plataformas quaisquer", sublinha Guilherme Martins, tratam-se de "plataformas de investigação, e sobretudo, plataformas de cidadãos! – a saber, organismos vivos! É uma associação com carácter inovador, uma encruzilhada de vários conteúdos bastante flexíveis. Está a dar os seus primeiros passos, e ainda não se sabe a sua natureza". É, de igual forma, do objectivo desta conferência festejar os três centenários do pensamento filosófico cultural português, e nomeadamente o nascimento das revistas Águila, a República –uma tónica "que nunca está e nunca deve estar ausente. É preciso festejar-se o criacionismo de Leonardo Coimbra, é preciso incorporar na alma o movimento da república portuguesa de 1912 e expeli-lo culturalmente! Ou lembrar a complementaridade das raízes de Raúl Proença e a cidadania de Teixeira de Pascoaes, é preciso estranhar-se Pessoa e entranhá-lo bem! É de se fazer referência claro ao Instituto de Filosofia e ao seu grupo de Investigação "Raízes e horizontes"que, em parceria com muitas outras faculdades, para além da de Letras da Universidade do Porto, e com singulares organizou um Congresso intitulado Pensamento, Memória e Criação", no primeiro centenário da Renascença Portuguesa (1912-2012) a realizar-se nos dias 29 e 30 de Novembro e 1 de Dezembro, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na Universidade católica Portuguesa e em Amarante -, cidade homenageada hoje pelo Dr. Guilherme Martins. Paulo Ferreira da Cunha, foi também convidado para homenagear Dalila Pereira da Costa, "figura única da cultura Portuense Nacional". A professora Doutora Maria Celeste Natário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto é o primeiro nome a encabeçar a organização do congresso.

ON na Alfândega

A Orquestra do Norte realiza um concerto amanhã (dia 29 de Novembro), às 14h30, no Museu de Transportes e Comunicações (Alfândega), Porto. Com apresentação e direcção do maestro José Manuel Pinheiro, o espectáculo insere-se num conjunto de acções didáctico-pedagógicas que a Caixa Geral de Depósitos tem vindo a promover para os mais pequenos. A entrada é gratuita, sujeita a reserva antecipada. O concerto, aconselhado a crianças a partir dos três anos, pretende ser uma expedição ao centro da Orquestra do Norte: "Pretendemos aproximar dois mundos, o público e os instrumentistas, para que as crianças possam sentir a música de uma forma totalmente diferente".

«O senhor...»

O espetáculo de marionetas «O Senhor...» – uma peça inovadora que cruza a marioneta com a animação 2D e 3D – vai ser reposto em Dezembro, no dia 7 às 21h45, e 8 e 9 às 11 e às 16 horas, no Teatro do Campo Alegre, Porto. «O Senhor...» é baseado num livro de João Paulo Seara Cardoso, tem encenação de Isabel Barros, marionetas de Júlio Vanzeler, a interpretação é de Edgard Fernandes, Rui Queiroz de Matos e Sara Henriques. O espetáculo é acolhido no âmbito da programação do Serviço Educativo da Fundação Ciência e Desenvolvimento/Câmara Municipal do Porto.

Com a simples palavra de falar todos os dias,
Que é tão nobre que nunca chegará a ser vulgar,
Vou dizendo estas coisas que quase não são minhas,
Assim como as praias quase não são do mar
José Ángel Buesa

É também essa a riqueza da poesia de Maria Mamede, feita nesse amor às palavras que também quase não são delas, gastas de tanto serem usadas, mas que veste para tentar o ***infinito***, ou viver o ***sonho***, ou para ser ***música*** e ***poesia***.
É esse o exercício da liberdade, das palavras sem trela, porque a liberdade vive paredes meias com a precariedade, tudo o que significa vida, ***sensações, desejos, medos, alegrias,*** tudo o que lhe ***possui corpo e alma até ao último verso.***
É, ao mesmo tempo, um privilégio e um encargo, porque se as palavras mostram o senhor também revelam o servidor, melhor, o que vive alheado de si mesmo e se curva perante a obra quando esta resume a verdade que se procura ou o caminho feito para a encontrar.
Vou intercalando as minhas palavras com as de Maria Mamede porque ela é esse servidor que procura a liberdade na partilha com os outros, e também é para eles que escreve, mesmo sabendo que é ***a liberdade da beira dos caminhos, povoados de ervas e de pedras nuas.***
Porque os outros são, para ela, ***gente com boca de esperança, abraçando o verde e um sorriso de luar pendurado no peito.***
Alguém disse uma vez, e não sei quem foi, que o vazio existencial é um dado da realidade. Entendo por isso, que a liberdade e a verdade só se podem encontrar nalguma essência da vida, e Maria Mamede encontrou essa essência nas palavras pois

Dentro das palavras
há ouvidos
em cantos que franqueiam
madrugadas

E as palavras, simples e sóbrias apenas servem a um fazedor de versos e poesia, como arado num chão comum, vivido e partilhado

E é por amor a elas
que lavro e semeio
este chão que sou
preparando a colheita!

A simplicidade e a lhanura vestidas, assumidas, usadas e ditas como ferramentas de fazer música, cores e poesia, e Maria Mamede afirma-o mesmo no final,

das palavras que escrevo
dos versos que vos dou
é aquilo que sou
e que vos devo!...

Para ler, para ouvir e para meditar!

NOTA
«Por amor às Palavras» foi apresentado por António Oliveira, no passado sábado (24 de Novembro), em Aveiro.

136.ª «Quintas de Leitura»

Jorge Sousa Braga é o poeta convidado da sessão 136.ª de «Quintas de Leitura», que conversará com o radialista Carlos Vaz Marques. O espectáculo, «O Novíssimo Testamento», realiza-se amanhã (29 de Novembro), às 22 horas, no Café-Teatro do Teatro do Campo Alegre, Porto. As leituras estarão a cargo de Celeste Pereira, Manuela Leitão, Daniel Pinto e Isaque Ferreira, perpassando toda a obra do autor convidado, com particular incidência sobre o seu mais recente livro «O Novíssimo Testamento». A sessão conta ainda com o artista plástico e performer Albuquerque Mendes, o mágico Mário Daniel e o violetista José Valente, estreantes neste ciclo poético promovido pela Câmara Municipal do Porto, através da Fundação Ciência e Desenvolvimento. Rita Redshoes fecha a noite, a solo, de forma intimista, numa releitura das suas canções e evocando algumas das suas referências.

Por Albuquerque Mendes

Grandes conflitos «premiados»

A obra «Grandes Conflitos da História da Europa. De Alexandre Magno a Guilherme 'o Conquistador'», da autoria de João Gouveia Monteiro, editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra, foi galardoada com o Prémio Fundação Calouste Gulbenkian – História da Europa, instituído pela Academia Portuguesa da História. A entrega do prémio irá realizar-se no próximo dia 5 de Dezembro, pelas 15 horas, na Academia Portuguesa da História, Lisboa.

9 771647 290000 00087

Devagar se vai longe.

Comece a poupar desde € 25/mês.

Com o BPI poupar é mais fácil.

A partir de € 25 por mês, crie o seu plano de poupança e escolha com total flexibilidade o montante, o prazo e o produto mais indicado para si. As condições do seu plano podem ser alteradas sempre que quiser.

Poupe, pouco a pouco, e verá como devagar se vai longe. Faça uma simulação em www.bancobpi.pt e veja as vantagens de poupar gradualmente.

Toda a informação nos Balcões e Centros de Investimento BPI, www.bancobpi.pt e 800 22 10 22 (linha grátis com atendimento personalizado, das 7h às 24h).

BPI